

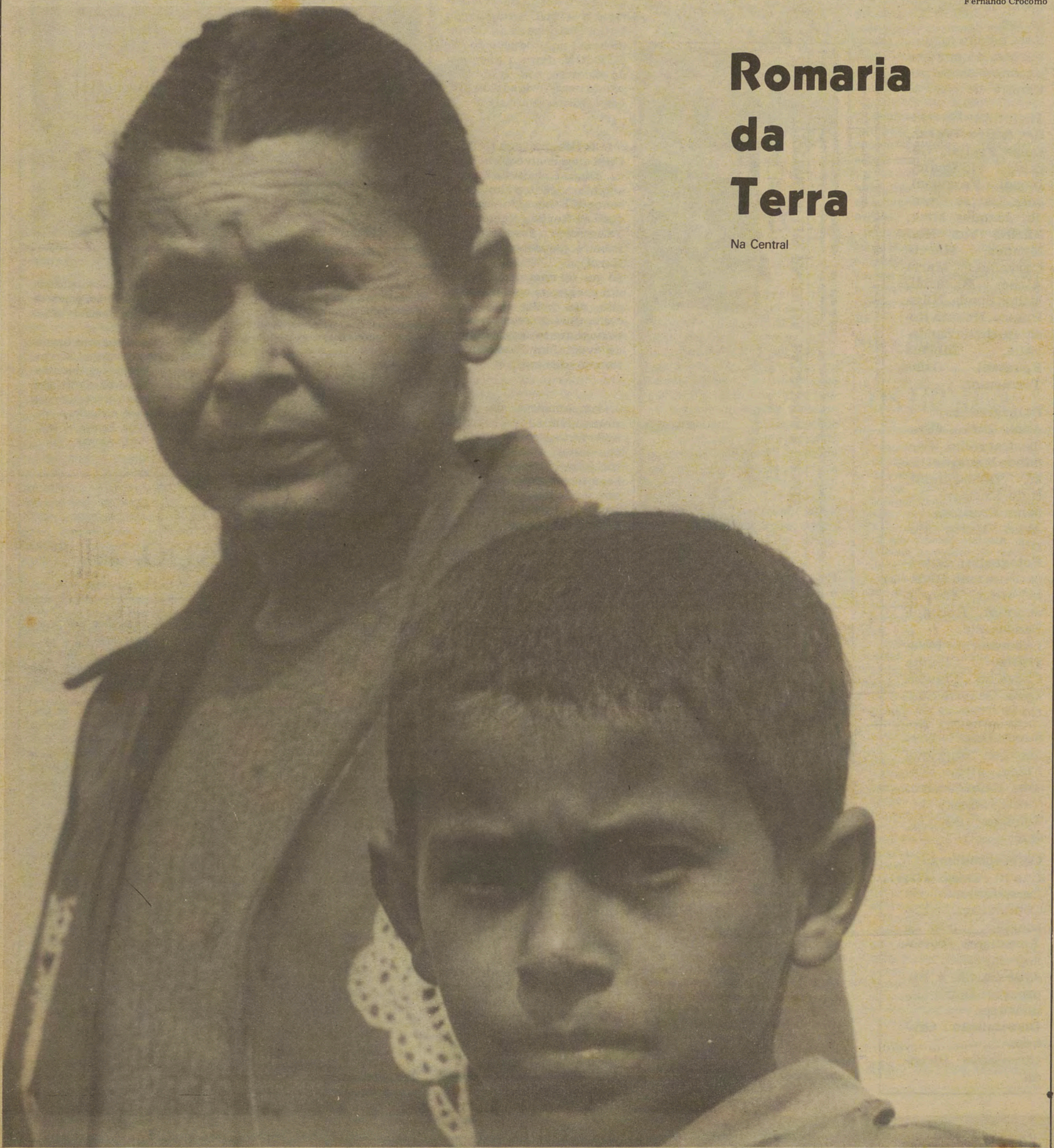
ZERO

FLORIANÓPOLIS, OUTUBRO DE 1988

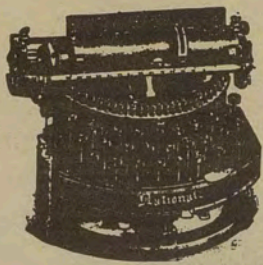
Fernando Crocomo

Romaria da Terra

Na Central



EXPEDIENTE



Jornal Laboratório do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

Esta edição foi elaborada na madrugada de 30 de setembro de 1988

Texto: Ana Lavratti, Dauro Veras, Deise Freitas, Geraldo Hoffmann, Ivonei Fazzionni, João Carlos Grando, Jacques Mick, Karina Van Hoff Mendez, Márcia Carvalho, Maria Alauci Macarini, Milton Spada, Nilva Bianco, Renata Rosa, Ruchelle Zandavalle, Sabrina Franzoni, Ozias Tormentor.

Diagramação: Analú Zidko, Cláudia Carvalho, Fernando Meneghel, Ilka Goldschmidt, Rute Enriconi, Sabrina Franzoni.

Arte: Marta Moritz

Fotografia: Sabrina Franzoni, Renata Rosa, Renata Schmidt, Ruchelle Zandavalle.

Laboratório Fotográfico: Cláudia Carvalho, Claudia Lyra, Denyris Laurindo.

Supervisão: Professores Henrique Finco, Airton Kainitz, Hélio Schuch, Cíntia Nahra.
Telefone: (0482) 33-9215

Correspondência: Caixa Postal 472, Departamento de Comunicação e Expressão, Curso de Jornalismo, Florianópolis, SC.

Acabamento e Impressão: Diário Catarinense

Distribuição Gratuita

Circulação Dirigida



Por que você gosta do artista escolhido?
As melhores respostas ganham 1 LP. E o resultado sai no próximo número do Zero

ZERO E WEA DÃO 50 LPS: ESCOLHA, RESPONDA E GANHE

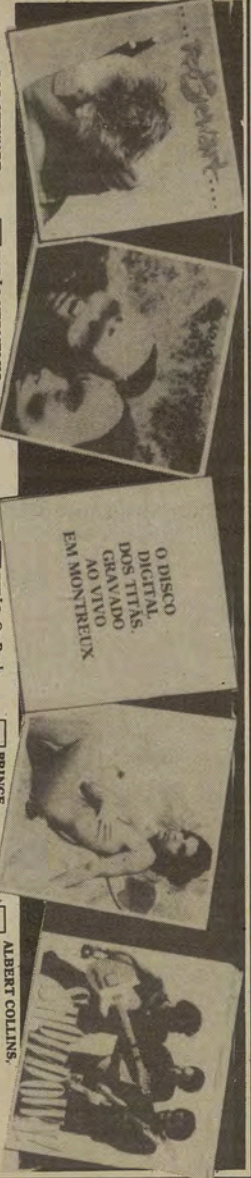
☐ ROD STEWART
Out of Order

☐ BARÃO VERMELHO
Carteira

☐ TITãs, Go Back

☐ PRINCE
Loveless

☐ ALBERT COLLINS
ROBERT CRAY
COOPERSLAND Showdown



A ÚLTIMA CHANCE

O concurso "Zero e Wea dão 50 Lps: Escolha, Responda e Ganhe", foi transferido para o próximo Zero, pois o número de cupons recebidos foi inferior ao número de discos. Não deixe de escrever, você agora tem mais uma chance. Lembrando: você deve responder o que acha do Zero e por que você gosta do artista escolhido, para ganhar o disco de sua preferência. Boa Sorte!
Aguarde no próximo número do ZERO:
- Tóxicos nos Colégios de Florianópolis
- Biblioteca Central da UFSC.

O curso de Jornalismo da UFSC está organizando o Seminário Latino Americano de Comunicação e o XII Congresso do INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), este último com o tema: *Indústrias Culturais e os Desafios da Integração Latino Americana*. Estes dois eventos irão se realizar de 6 a 10 de setembro, prometendo ser o acontecimento do ano, na área de comunicação em 89. A FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas) está ajudando na promoção do Seminário e a ALAIC (Associação Latino Americana da Comunicação) na produção do INTERCOM. Para a abertura do encontro, pode estar chegando em Florianópolis Gabriel Garcia Marquez.

O XI Congresso da INTERCOM que aconteceu em Viçosa, Minas Gerais, de 2 a 7 de setembro, contou com a presença de Ethevaldo Siqueira, dono da Revista Nacional de Telemática e José Hamilton Ribeiro (repórter do Globo Rural).

Só que foi uma pena, que de um congresso com tal gabarito, não tenha saído uma carta final do encontro. Espera-se que os organizadores do evento em Florianópolis tomem esse cuidado.

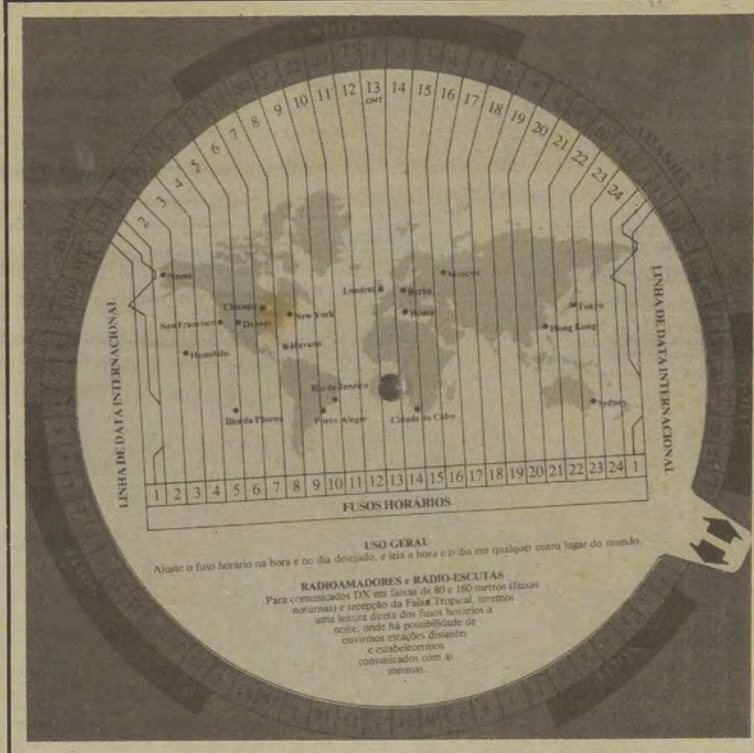
Companheiros do Zero: sou acadêmico de Geografia, agito no Centro Acadêmico e sou leitor desse belíssimo trabalho. Saibam que uso seus textos para basear-me em seminários e para colocar meu raciocínio em questionamento. Quero parabenizá-los e me coloco à disposição para ser o distribuidor de seus exemplares junto ao CCH em nome do Caligeo. É isso. Jefferson, Florianópolis.

Zero: Aceitamos sua ajuda, companheiro do Caligeo, manteremos contato.

Informática: Situação Nacional é o tema do Seminário de Informática, que irá se realizar no dia 10 de novembro, no Auditório da Reitoria. O evento inicia as 9 horas com uma palestra sobre a Pesquisa e o Desenvolvimento em Informática (visão da empresa encerrando, com uma mesa redonda onde será debatido o Desenvolvimento da Informática no Brasil. O seminário é promovido pelo PTE (Metrologia Automação) e recebeu o apoio da UFSC, CERTI, ITAUTE.

A penitenciária de Florianópolis abre suas portas à imprensa. Pelo menos foi essa a promessa do novo secretário da justiça. Os jornalistas não saíram nada satisfeitos da casa de detenção. Maiores informações na pag.16.

NA ONDA DO RÁDIO



Alencar Aldo Fossá é um nome que está na agenda de todo setorista de telecomunicações da imprensa gaúcha. Irredutível ouvinte das emissoras internacionais de ondas curtas (das quais possui uma invejável coleção de gravações) e radioamador, Fossá prepara agora um livro inédito: O Manual do Radioescuta. Para que seu projeto se realize, Fossá pôs a venda uma tabela de fusos horários de todo o mundo chamada

Fuso-matic. Ela é acompanhada de uma ampla listagem dando os prefixos de radioamador de todo o mundo.

Segundo ele, a tabela, que funciona com um disco de papel, serve a estudantes, jornalistas, turistas, geógrafos. O preço é de Cz\$ 1.000,00 (um mil cruzados) e o pedido pode ser dirigido a ele, através da Caixa Postal nº 6022, CEP 91.031, Porto Alegre - RS.

ABORTO COROADO

Dia 5 de outubro, o Brasil ganha uma nova Constituição. O Chile diz "sim" ou "não" a Pinochet. Nenhuma coincidência. Os generais daqui conseguem tudo o que querem sem precisar passar por um plebiscito. Garantem para si uma prerrogativa que ameaça qualquer esboço de regime democrático: a possibilidade de intervenção na ordem interna. Ainda que a autorização para intervir tenha que passar pelo Congresso, não há nenhuma garantia de estabilidade democrática. A sociedade ainda não conseguiu estabelecer um controle sobre as Forças Armadas. E elas têm os tanques, até desnecessários para intimidar um Congresso Nacional majoritariamente de direita.

Mas este é apenas um dos atrasos da Nova Carta, já laureada com medalhas de ouro, prata ou bronze. Coroa-se os interesses econômicos que determinaram a sua elaboração. Coroa-se a UDR, articulação latifundiária que enterrou a Reforma Agrária. Coroa-se o Centrão, bloco fisiológico de defesa dos interesses do poder econômico. Coroa-se o Doutor Ulysses Guimarães, mediador fugaz da elaboração da Carta, um

grande presente para um presidencialista aniversariante. Coroa-se o PMDB, a transição conservadora, os interesses militares e das classes dominantes, José Sarney...

Houve avanços: direito de greve, jornada de 44 horas, licença paternidade, aposentadoria proporcional, igualdade de direitos entre homem e mulher, tombamento do Pantanal e da Mata Atlântica, reforma tributária e a criação do Conselho Nacional de Comunicação. Essas conquistas são frutos das pressões populares, e já são realidade em outros países há muito tempo.

O pior de tudo é essa Constituição já nasce abortada. Foi elaborada por um Congresso Constituinte e não por uma Assembléia Soberana. E o que pode parecer conquista será de tal forma amoldado pela legislação complementar que dificilmente o cidadão brasileiro vai usufruir dos novos direitos constitucionais até que ocorra a revisão total da carta em 1993. Até lá a Constituição vai servir de bandeira nas campanhas eleitorais do PMDB. E do Chile, o que será?

Massagens com baixo ventre

Qualquer dia, folheando os classificados, você poderá encontrar um anúncio convidando garotas de 18 a 21 anos a tornarem-se massagistas, ganhando cerca de Cz\$ 45.000,00 mensais. A interessada que ligar para o número será atendida por uma voz feminina que explicará tratar-se de um "curso de massagem". O curso, segundo a voz, habilita as alunas a posteriormente atuarem em clínicas, motéis ou hotéis. Para participarem, as interessadas devem marcar um horário para entrevista, dar o nome e tipo físico. O endereço será indicado só uma hora antes da entrevista, quando a candidata deve ligar novamente. Feita a segunda ligação, apenas é indicado o ônibus a pegar e o local do desembarque: bairro do Abraão. Num esquema que lembra filmes de espionagem, a garota deve descer do ônibus e, atravessando a rua, pegar um táxi no ponto em frente. O motorista a levará até "a casa da Jane".

O LOCAL

Após subir uma rua, o táxi pára em um terreno baldio e o motorista indica uma casa em frente. É um local pobre, portas fechadas. Uma garota abre a porta após algumas batidas. Alta, magra, roupas velhas e muita maquiagem, pergunta o nome, convida a entrar e diz que vai chamar Jane. Aparece outra garota, mais franzina, examina a "candidata" com um olhar avaliador e sai. Poucos móveis, paisagens de revistas transformadas em quadros. Sobre uma mesinha o telefone, num canto, o sofá para as "visitas".

Entra uma mulher de meia-idade, morena: a voz do telefone. Roupas justas, maquiagem. Apresenta-se, é Jane. Cumprimenta a candidata, convida-a a sentar-se e ocupa o lugar ao lado do telefone. Depois, explica tudo o que poderia interessar uma aspirante a massagista.



Teste

O "curso" inclui aulas práticas e teóricas de massagem, dança e ginástica. A ministrante é a própria Jane e a duração é de 90 dias. Com um detalhe: já na primeira semana a aluna deve atender a um cliente, escolhido por Jane. É ele quem decide se a garota está em condições de continuar ou não. Afinal, lembra sorrindo: "o cliente manda, é ele quem paga". Se for aprovada, a garota já poderá começar a trabalhar normalmente.

O serviço de massagens funciona das 11 da manhã às 3 hs da madrugada, dividido em turnos. Cada garota deve atender ao menos um cliente por dia, mas a maioria "é gananciosa" diz Jane, "trabalham em quase todos os horários, só pensam em dinheiro". Evidentemente, a professora não precisa ter essa preocupação, afinal ela fatura 50% de todos os ganhos de suas pupilas.

O cliente que pede uma massagista tem direito a duas horas de serviço, onde a massagem é obrigatória, já que é a fachada da prostituição. Jane explica as normas da casa: uso obrigatório de preservativo, sexo anal proibido (o medo da Aids), oral optativo. Além disso, a garota deve apresentar seus documentos após duas semanas e mais um teste anti-Aids a cada 15 dias. Nenhum cliente pode saber o endereço da casa.

"Free-Lance"

Após o telefonema, a massagista vai de táxi até o local do encontro, escolhido pelo freguês. Pode ser uma residência, boate, hotel ou motel. O cliente pode ser jovem, velho, homem, mulher, casal. É ele quem, além da taxa (atualmente, Cz\$ 10.000,00), paga o táxi.

Jane é muito "protetora": manda embora quem desobe-

der qualquer norma, mas faz a ressalva de que as meninas nunca lhe deram problemas. Segundo ela, suas garotas nunca se prostituíram antes, e na sua opinião, nem o fazem agora. As massagens seriam apenas um "free-lance" que complementa o salário dos empregos oficiais, algo de alto nível. Afirma não permitir que nenhuma garota trabalhe em sua agência mais que cinco meses, tempo suficiente para que superem as dificuldades financeiras. Acrescenta ainda mais uma informação: agência também rapazes bissexuais.

A qualquer pergunta sobre possíveis complicações com a polícia, Jane dá um sorriso tranquilizador e responde que não há problema algum: "os policiais são amigos. De vez em quando fazem até uma visita, sem mexer com as meninas." Diz ainda que se alguém maltratar uma das garotas pode se prevenir, pois a Polícia Federal lhe dá cobertura...

Convênios

Entre perguntas e respostas, a dona da casa preenche uma ficha com todos os dados da candidata, o turno em que ela prefere trabalhar, além de examinar o físico da garota. Entrega cartões de visita de massagistas quatro-estrelas, acrescentando que mantém convênio com todos os motéis do continente, e ainda com hotéis como Diplomata, Florianópolis, Plaza Caldas da Imperatriz e outros. Pergunta qual o nome que a garota gostaria de adotar profissionalmente e avisa que é necessário possuir vestido e sapato social, "algo fino e discreto", uma vez que a massagista nunca sabe ao certo para onde terá que ir. Jane só declara, orgulhosa, que "os clientes são todos de

alto nível, as meninas só andam em carrões e, se derem sorte, nem precisam transar."

Esclarecidas todas as dúvidas e curiosidade da candidata, Jane se propõe a mostrar as outras dependências da casa. É hora de encerrar a entrevista, a "empresária" diz que tem outras candidatas a atender.

O restante da casa compõe-se de uma salinha com um colchão sujo no chão, onde são dadas as aulas de massagem, uma cozinha onde as duas outras massagistas conversam e uma garagem escura que Jane afirma ser um estúdio de dança e ginástica. Ela acrescenta que caso alguma garota seja recém-chegada na cidade e esteja sem ter onde ficar, pode tornar-se residente. As demais, cerca de seis garotas, só aparecem nos horários de seus turnos.

Se a candidata agradecer, Jane a leva até os fundos e já mostra uma saída discreta, a "saída das massagistas". Esse pode ser o início de uma nova carreira habilmente explorada.

Nilva Bianco

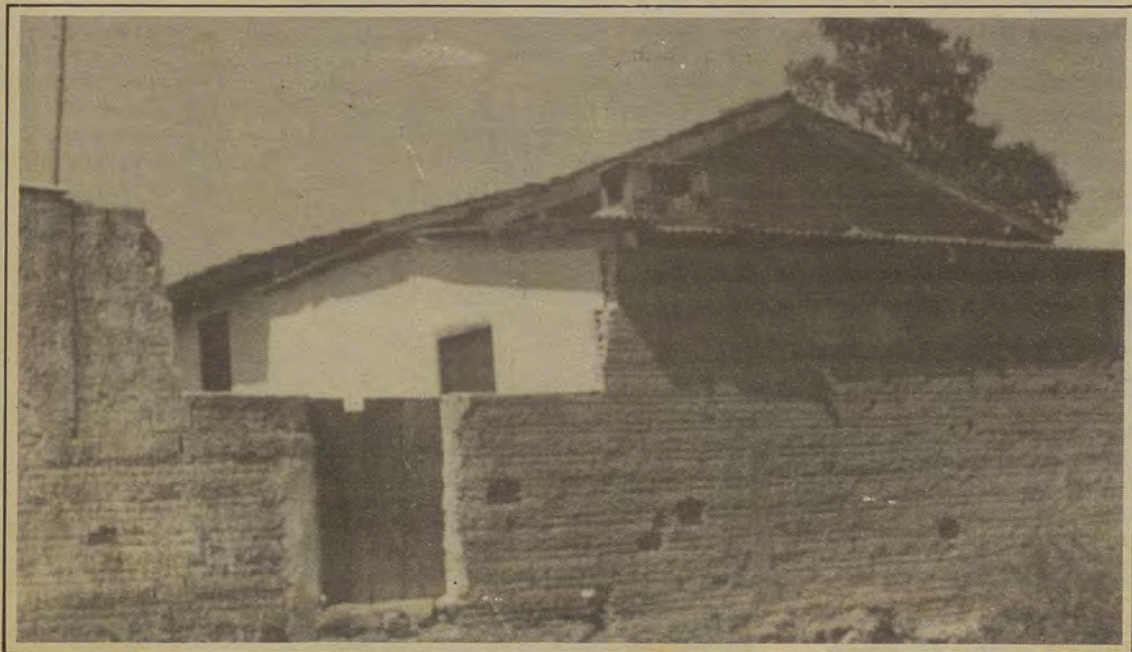
OS HOMENS

Deixou de ser exclusividade das mulheres a prestação de serviços de "massagens especiais" em Florianópolis. Os homens começam a ter vez neste mercado que cresce dia a dia. Antes, pensávamos que só em cidades maiores, isto poderia acontecer. O mercado de "serviços especiais" executado por homens, ultrapassou as telas da TV-novela Olho por Olho da Rede Manchete e chegou ao cotidiano da Capital.

"Dê preferência bissexual". Assim reagiu a Sônia quando tentei me inscrever em sua equipe. Ao responder-lhe que topava qualquer tipo de relação sexual, ela começou a pedir minha ficha completa. Altura, peso, cor da pele e dos olhos, cabelo, e que fazia e outras coisas do gênero...

Primeiramente deveria passar pelo mesmo curso de massagem das mulheres e depois... Bom depois era ação. Transar com: homens, mulheres, homens e mulheres, agradecer e ser contratado. "Vou trabalhar muito? Quanto vou ganhar?" Foram as perguntas que fiz a seguir. Sônia respondeu que o mercado estava crescendo. "Este tipo de serviço para homens está começando agora, mas já existem alguns clientes cadastrados. Estamos começando a ter lucro". Dez mil cruzados a cada programa para virar amante aluguel. Ah! Cinco mil ficam com a agência. Você topa?

João Carlos Grando



Casa da Jane

O General com um pé no passado

Escola de Guerra propõe Amnésia Nacional

A Escola Superior de Guerra foi criada em 1949, e neste tempo sempre esteve subordinada ao Estado Maior das Forças Armadas - um órgão assessor do Presidente da República. Seguindo esta lógica, a ESG ministra cursos de "Altos Estudos de Política e Estratégia".

O atual comandante da Escola, General de Exército Oswaldo Muniz Oliva, afirma, porém, que "não existe a intenção de interferência na política do país". Mas as polêmicas e contradições em torno das idéias da ESG, e da necessidade de sua existência, não param aí.

Ao longo da conturbada história do Brasil, a Escola Superior de Guerra sempre esteve envolvida em questões conflitantes. O maior exemplo, e do qual a esquerda brasileira (jamais) vai se esquecer, foi a aplicação efetiva da

Doutrina de Segurança Nacional, durante um dos períodos mais críticos da nação: a ditadura militar, iniciada em 1964. E apesar de tudo o que houve, a Doutrina, que foi criada há mais de 30 anos, permanece intocada. Como se fosse uma cartilha da verdade.

Nos últimos dias 19 e 20 de setembro, a imprensa de Florianópolis pôde se defrontar com esta "verdade". Alunos da ESG, cuja turma ironicamente se chama "Centenário da Abolição", visitavam a Capital. Junto com eles, o General Oswaldo Muniz Oliva. Coberto de medalhas e estrelas, uma verdadeira armadura viva, o todo poderoso da ESG não teve estrutura para enfrentar certas perguntas. As mãos do General tremiam e suas faces se tornavam avermelhadas - no mínimo uma situação embaraçosa para quem sente pesadelos com esta cor. As associações sugeridas entre a ESG e a

tortura no Brasil atormentaram as idéias do comandante. "Naquele período saímos de um triste quadragésimo lugar na economia mundial, para subirmos à oitava posição", justificou ele, sem explicar que mecanismo é este que faz a tortura incrementar a economia. Para evitar inconvenientes, o General Oliva tem uma sugestão fabulosa - a amnésia nacional. "É preciso esquecer o passado, olhar para o futuro", repetiu ele ao longo

das viagens que a Escola realizou no último mês e que incluíram, além de Florianópolis, passagens por Campo Grande, Corumbá, Ponta Porã, Porto Alegre, Bento Gonçalves, Curitiba e Foz do Iguaçu.

A frase em direção ao futuro, pronunciada pelo comandante, se contradiz com outra, enriquecida com ranços do passado: "Não vamos mudar a Doutrina de Segurança Nacional", assegurou, "porque ela já é completa e tem objetivos dignificantes para o Brasil. Isso só deve ocorrer se houver uma mudança significativa no país". Ou seja: trata-se de um invejável descaso com a nova Constituição Brasileira.

"Os militares têm papel diferenciado dentro da sociedade", legisla o comandante. No entanto, ante a sugestão de participação da ESG na sociedade, através de auxílio à defesa civil - como no combate a incêndios em florestas, por exemplo -, retirou a tropa. "Isso é coisa para bombeiros", defendeu-se.

Aparentemente o General se esquece que a vida é um jogo de espelhos: não há como olhar para a frente sem perceber o que está por trás. Assim, neste jogo de espelhos, surge o inevitável: é impossível esquecer o passado - até porque certos atos não se esquecem jamais. Onde o General acerta é que o futuro do Brasil pertence aos jovens. O que se espera, porém, é que um dia eles se encontrem.

Milton Spada



Difícil parto

Café da manhã, camas e quartos limpos, um estatuto de funcionamento e uma direção de estudantes. Tudo isso por um preço simbólico. Esta é a moradia estudantil da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) a que duras penas saí do chão.

A primeira parte da obra deve estar pronta até o final deste semestre, e terá uma capacidade para 130 lugares. Ao término do projeto, 1200 universitários poderão alojar-se em cerca de 450 quartos. Estudantes que não vão mais precisar se submeter à exploração dos aluguéis florianopolitanos, que os impede muitas vezes de concluir seu curso ou até mesmo começá-los. Porém, falta definir os critérios de seleção dos futuros moradores. Para isso, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) irá reali-

zar um seminário com a intenção de tornar este processo menos elitista possível. A moradia estudantil está localizada acima do Colégio de Aplicação e as obras iniciaram no começo do ano. Mas a construção caminha lentamente e quase parando - dificilmente irá bater algum recorde olímpico na engenharia civil. - A Universidade não libera verbas - parece que verba neste país, só para pagar dívida externa. - Libera apenas alguns pedreiros, além de ter fornecido o projeto arquitetônico da obra. Neste semestre, somente o dinheiro da taxa de matrícula dos alunos - menos de quatro milhões - foi empregado na moradia estudantil. O resto é conquista dos próprios universitários, do DCE e das Casas de Estudantes (CEUs).

Várias Universidades do Brasil já possuem a moradia estudantil.

Entre elas a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade de São Paulo (USP).

Segundo Rejane Gomes, Presidente do DCE da UFSC, "Em todas estas Universidades, a moradia estudantil, só nasceu depois de uma história política de força e luta. E sem dúvida, sua construção vai ajudar no crescimento do movimento estudantil em nosso estado. Vamos descruzar os braços! Educação é um direito que nos é justo" conclui Rejane.

João Carlos Grandio



O atual estado das obras

Mineiros sentam no lugar do reitor

Eles estavam em operação de guerra. Alguns controlavam quem entrava e saía. Outros discutiam táticas a serem adotadas no clarear do dia. Notas eram redigidas, comissões dividiam tarefas. Em colchonetes dispostos no chão, debruçados sobre as mesas, sentados na cadeira do reitor, os estudantes dormiam, marcados pelo ritmo frenético do dia. No recuo, alguns jogavam baralho para o tempo passar mais depressa.

Em nenhum momento, o campo de batalha foi abandonado. No ar, um sentimento de angústia com os últimos boatos: a Justiça Federal havia dado um prazo para que eles saíssem e a polícia de choque ameaçava invadir o local.

Foi esta a situação vivida pelos estudantes da Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais, no dia 1º de setembro passado. Eles invadiram o prédio da Reitoria e exigiram a nomeação do primeiro nome da lista sêxtupla de candidatos a reitor, levada à Presidência da República. A alguns metros dali, participantes de um Congresso de Comunicação, vindos de todas as partes do país, surpreendiam-se: os estudantes negavam-se a abandonar o prédio mesmo depois de circular a notícia de que sua exigência seria aceita. Aparentemente, sabiam o que estavam fazendo. "Não sairemos daqui nem seremos divididos enquanto a nomeação não for oficializada", declarava Rita, uma morena baixinha, dinâmica, de cabelo anelado e curto e um eterno ar vigilante nos olhos castanhos. Agora já não sei se vou dar informações a vocês", disse ela repentinamente para duas estudantes de Santa Catarina que participavam do Congresso de Comunicação. Ao lado, encostava uma caminhonete da Rede Globo, que lhes daria carona. A confusão - e a desconfiança também tinha

espaço entre eles.

"A taxa de aderência está sendo lenta, mas se percebe que o pessoal está cada vez mais consciente", avaliava Celso Lins de Oliveira, da Assessoria de Imprensa, num dia após a invasão. Horas depois, a situação mudava: piquetes foram formados em todos os centros, um grupo assumia a tarefa de manter o prédio limpo e o patrimônio preservado, os informes corriam com rapidez e eficiência. Numa assembléia que envolveu cerca de 600 alunos, foram tomadas decisões fundamentais para que o movimento retomasse a um pique de campanha.

Não foi em vão. A comunidade universitária de Viçosa fez o que não foi possível fazer nas universidades federais do Rio Grande do Sul e da Bahia, na UNIRIO (Rio de Janeiro) e na UNIR (de Rondônia). Nestas, apesar da revolta dos estudantes, os reitores empossados não foram os mesmos escolhidos pela eleição partidária. Na Universidade do Mato Grosso, o reitor escolhido está aguardando há meses sua nomeação pelo MEC.

Por isso, o exemplo de Viçosa é, antes de mais nada, a comprovação de que a universidade democrática que se busca requer um trabalho insistente, às vezes, com muita audácia.

BICICLETAS E UDR

Durante uma semana, o movimento grevista mobilizou a Fundação Universidade Federal de Viçosa, que possui cinco mil alunos e mantém convênios com empresas como a Itamaraty (de Mato Grosso do Sul) e a Dow Química (de São Paulo), que já foi presidida pelo ex-ministro do SNI, Golbery do Couto e Silva. Celso Lins coloca a questão como a preparação de "mão-de-obra especializada, com alta tecnologia, para trabalhar pelos interesses do Governo e das multinacionais que pagam. Não de formar um profissional

crítico, com capacidade de contestar a sociedade e saber sua função social".

Andando pelo campus, o que se percebe é uma heterogênea manifestação de camadas sociais. Há alojamentos baratos do lado de dentro e prédios de apartamentos com aluguéis bem mais caros do lado de fora da universidade.

Tudo está lotado. Há gente que anda de bicicleta e há carros do ano e motos. No refeitório, camisetas fazem propaganda tanto da UDR quanto da reforma agrária, mas todos comem o mesmo feijão com arroz e tomam o mesmo leite.

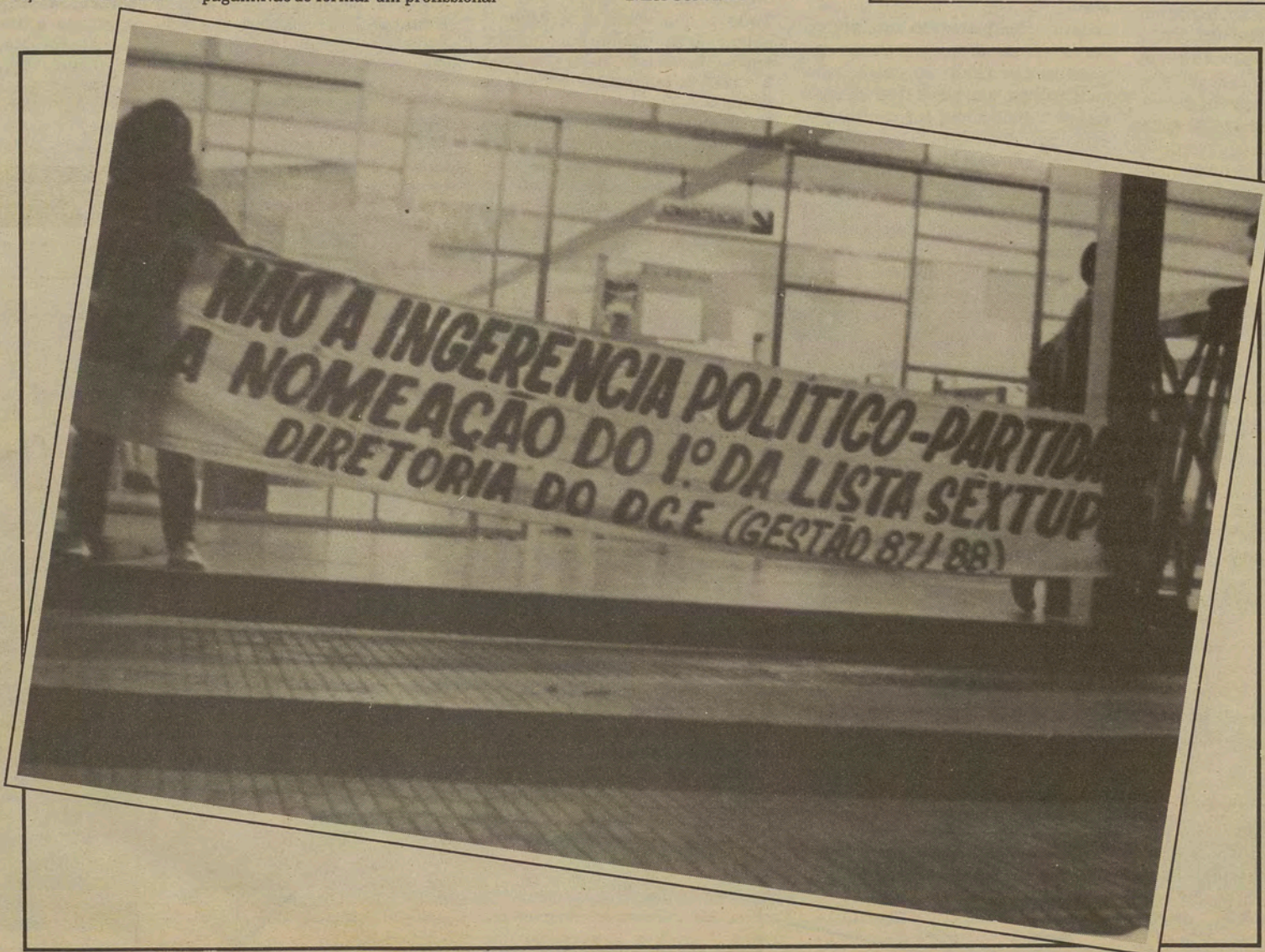
O novo reitor, por sua vez, já conta com um problema antecipado: "não nos interessa qual o nome figura no topo da lista sêxtupla dos candidatos.

O que queremos é que esse nome seja respeitado", explicou Antônio César de Souza, presidente do DCE. E completou com decisão: "a partir do primeiro dia de mandato, seremos oposição".

Antônio Fagundes, o nomeado, já foi reitor da Universidade de Viçosa e é tido como um dos pais da cidade universitária. Na sua primeira gestão, de 1974 a 78, praticamente construiu o campus, criou cargos e deu empregos com salários que são o triplo do que ganham os que executam a mesma função fora dos limites da UFV.

Em 83, no cargo de pró-reitor de administração - criado por ele na gestão anterior foi acusado por repressão política e perseguição política aos universitários. Ainda se não bastasse, criou o 14º salário e suspeita-se de desvios de verbas. Aparentemente, os estudantes sabem o que estão fazendo.

**Maria Alauci
Macarini**



Cuidado!

Nino Noya, este seu colunista ex-clu-si-vo do ZERO, vai fazer uma peregrinação pelos bares, restaurantes e similares desta city. Não, fofinhos, não vou trazer aquelas dicazinhas chatas de gastronomia nem outras baitolices do gênero, e sim um verdadeiro serviço de utilidade pública: o ranking dos sanitários de Floripa. A partir do próximo número, vou divulgando a classificação dos lugares. Bem devagar prá ir despertando a curiosidade (só assim vocês valorizam mais meu ZERO, gatões...). Aí vão umas pequenas orientações sobre a escala Richter/Noya de insalubridade em banheiros.

Esta escala foi inventada depois de uma feijoada na casa de campo de uma famosa socialite. Sofri um revertério e, enquanto meditava no trono, resolvi passar o tempo. Vejamos o que sobrou depois que dei descarga pela primeira vez (nem tudo desce na primeira):

A pontuação vai de zero a dez, sendo diretamente proporcional à periculosidade do ambiente analisado.

Zero - Banheiro perfumadinho, geralmente apelidado de toilete, com espelho redondo, toalha limpa, sabonete líquido e papel higiênico macio com odor jasmim. A descarga, quando acionada, libera desodorante no vaso.

Um - Tampa do vaso mijada. Ah, essa rapaziada de hoje não tem mesmo pontaria! Pentelhos no chão.

Dois - Pia e chão mijados. Acompanha o fedorzinho característico. Falta água na torneira e o espelho está trincado. Você tem uma ligeira pressa em sair.

Três - Barata esmagada no espelho. Dentro do vaso, tal qual flotilhas inglesas singrando o alto-mar, dois tijolinhos o encaram com ternura. Você prende a respiração e olha o relógio, rezando prá conseguir terminar o xixi de cerveja o mais rápido possível.

Quatro - Toalha de pano molhada e apresentando coloração ligeiramente estranha. Papel higiênico com aspereza equivalente a lixa de metal. Esgoto

aberto no canto mais escuro do W.C. As portas identificam masculino e feminino com capas da revista Amiga.

Cinco - Descarga quebrada. Aliás, nunca foi usada, pois não há ligação de água. Num canto, uma bacia cheia de um líquido turvo espera que algum incauto se arrisque a lavar o rosto. Quando isso acontece, um protozário se posta de braços abertos diante da vítima.

A porta do banheiro traz uma porrada de grafitos que chamam você de tudo, menos de bonito. Fedor quase insuportável.

Seis - Não há vaso. Prá soltar barro você precisa ficar de cócoras sobre um buraco no chão. Papel? Nem pensar. No máximo um jornal da semana passada, página dos editoriais. Na sua frente, rabiscada na parede, uma frase que é impossível deixar de ler: "Se você já deu o rabinho, dê uma risadinha..." Na saída, você pensa em colocar a fedentina numa garrafa e usar na guerra química Irã-Iraque.

Sete - O escuro é total. É estranho, nenhum cheiro... Você se examina melhor e constata a morte clínica de seu nariz (foi demais prá ele). "Como avisar os parentes?", medita você enquanto pisa em alguma coisa maleável.

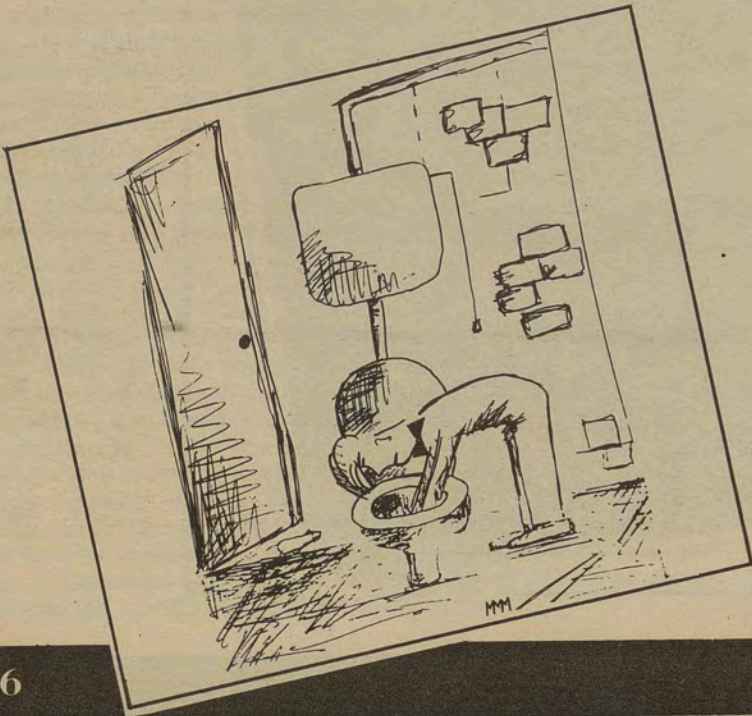
Oito - Ambiente quase indescritível. A primeira imagem que lhe vem à cabeça é aquele filme italiano, "A Comilança". Sobre a pia quebrada, vômito ainda quente, porção para quatro pessoas.

Nove - Pesquisando um pouco mais, é possível perceber no vômito um resto de caipirinha já amarga e alguns fios de macarrão. Se o local for de luxo, a caipirinha é de vodca. Do contrário, de cachaça.

Dez - A atmosfera não permite a existência de vida.

Donos de bares, restaurantes e similares, tremei! Nino Noya vai pegar nos pés de vocês. Tchau, queridinhos... I am the best!

Nino Noya (D.V.)



Quem levou, levou. Agora, vai ser dureza

Tira a mão, tira!

Banca de revista em frente ao Centro de Convivência da UFSC, 11h30 da manhã. Vinte e sete pessoas num espaço de dezoito metros quadrados: esta é uma ótima oportunidade para você levar para casa aquela revista gostosa, mas que está além de seu orçamento.

Tudo o que você deve fazer é entrar com sua pasta aberta, aproveitar o tumulto para "passar a mão" no que deseja e "sair de fininho".

Os furtos são frequentes, e quando alguém é surpreendido, devolve o material, sem que nada lhe aconteça de mais grave, a não ser escutar uma bronca do garoto que

ali trabalha, Eduardo Di Biondi. Com três anos de casa, ele até arrisca a traçar um perfil das preferências dos "arrochadores". Os rapazes preferem as revistas de armas e esportes (principalmente Inside e Fluir), bem como as pornográficas. As garotas ficam com a Bizz, Cláudia e Capricho.

Há também uma turma especial, os colecionadores de selos, que rompem o plástico da "Selo" para carregarem as estampas desejadas. Porém, a preferência geral dos furtadores recai sobre os doces, chocolates, chicletes, etc.

"A maior parte do pessoal que rouba estuda na UFSC, mas os alunos do Colégio de Aplicação também fazem suas visitas", diz Adriana Espíndola que auxilia Eduardo. Ela se admira que muitos dos "espertinhos" sejam filhos de professores e funcionários.

A.C.G., um aluno da Universidade, confessa que já levou algumas "Inside" para casa, e se desculpa dizendo que tem vontade de ler a revista, mas acha que não vale a pena comprá-la. Há quem

ache os preços caros demais, e que com essa crise o melhor mesmo é "passar a mão".

O dono da banca, Antônio Reis de Carvalho, faz mensalmente um balanço, e quando há diferença como acontece quase sempre, cobra-a de seus empregados. Para ele não existe prejuízo, mas lamenta que o dinheiro tenha que sair do bolso de Eduardo e Adriana. E Antônio questiona:

"De que vale adquirir cultura roubando?"

Mas se você pensou em dar uma passada amanhã pela banca para furtar uma "Veja", uma "Playboy", ou um chocolate, é melhor pensar duas vezes antes, pois Eduardo promete que a partir de agora adotará uma atitude mais séria vai acompanhar "o arrochador" até a Polícia do Campus. Afinal como ele diz e se queixa, "os neguinhos não arrocham do dono, mas sim de quem trabalha todos os dias, das 7h da manhã às 5h da tarde".

Glauco Galenes



Eduardo: "chega"!

Os sem-terra impõem: a luta continua!

Os agricultores sem-terra de Santa Catarina não se assustaram com o fim da reforma agrária na Constituição, já que a nova carta enterra qualquer perspectiva. Reunidos em Ponte Serrada, no dia 11 de setembro, 35 mil agricultores mostraram que não vão ficar calados. Na 3ª Romaria da Terra de Santa Catarina, eles expressaram sua religiosidade e disseram que a luta pela terra continua. Para eles, a terra pertence a todos os homens e não pode ser apropriada por poucos privilegiados. Os trabalhadores urbanos também participaram da Romaria, pois sabem que os problemas que enfrentam nas cidades tem origem no monopólio da terra (leia-se: latifúndios).



Fernando Grocorno



Joaquim Mota

Dom José Gomes: “A UDR é contra o povo brasileiro”

Desde sexta-feira, 9, os romeiros começaram a acampar no assentamento “25 de Maio”. No sábado vieram mais. Domingo, um mar de gente, ônibus, paus-de-arara e carros de passeio: 35 mil pessoas de todos os pontos do Estado inundaram a terra preta, arada, seca e adubada à espera da semente. Vieram também delegações do Paraná e Rio Grande do Sul e observadores estrangeiros.

Grupos de violeiros e sanfoneiros, tocando músicas sertanejas adaptadas a letras agrárias, embalavam a multidão crescente. O ronco dos carros era abafado pelas vozes humanas que brotavam de todos os lados num canto de encontro e protesto. Uma fila interminável de ônibus despejava homens, mulheres e crianças de mãos calejadas e chapéus de palha. O campo e a cidade se abraçavam nos rostos de todas as raças e roças, nos olhares angustiados e esperançosos de colonos e operários.

A Romaria da Terra reuniu o povo em guerra contra o latifúndio.

A “classe roceira e a classe operária” já não esperam mais a Reforma Agrária da “nova” República, que prometeu distribuir 43 milhões de hectares no País e, até agora, não desapropriou nem 10 milhões.

Em Santa Catarina, 1.577 famílias de agricultores sem-terra conquistaram, através de ocupações e negociações,.... mil hectares. O Mirad/SC prometeu assentar 29 mil famílias até 89. Cento e quarenta e cinco mil famílias (700 mil pessoas) que rem ver a “terra prometida”.

Não importa terem parado a reforma agrária na Constituinte. Ela vai acontecer, porque este povo vai exigir mudanças na lei e fazer com que as terras abandonadas nas mãos dos latifundiários, um dia, caiam na mão dos trabalhadores que delas precisam e nelas querem trabalhar, diz o bispo de Chapecó, Dom José Gomes.

A cena lembra os filmes de Franco Zeffirelli (“Os Dez Mandamentos”, “Jesus de Nazaré”) ou o Êxodo dos hebreus do Egito rumo à Palestina. Depois de um quadro sobre a situação do trabalhador no campo, o formigueiro humano toma forma de um rio e

começa a “caminhada” de dois quilômetros. Uma nuvem de poeira amarela da estrada que corta o assentamento se ergue por entre as faixas, cartazes e a cruz de cedro, símbolo das romarias. “Eles (os sem-terra) enfrentam um faraó muito mais poderoso que o do Egito, que é a militarização do campo e toda essa falta de leis para proteger o agricultor”, compara Dom José.

A procissão pára. As mulheres agricultoras e operários sobem ao palco, improvisado sobre um velho Scania, para denunciar sua discriminação e marginalização. O rio de gente avança mais um pouco e é a vez do jovem da roça dizer por que está em “êxodo rural”. Pede articulação entre campo e cidade. Mais adiante, exibe-se o quadro doentio da saúde brasileira: 10 milhões de leproso, 13 milhões de deficientes, doença de chagas, câncer, lombriga, cárie...Aids...

É meio-dia e o povo está com fome. Senta-se num sub-bosque, no meio da mata. Não há só os cinco pães e três peixinhos do Monte Sinai, mas a “bóia” de cada um entra na partilha. Os desprevidos pagam Cz\$ 100,00 por um sanduíche de queijo e mortadela. Para desembuchar, sete bicas de água corrente e refrigerantes a preço de mercado. Um show de músicas sertanejas recheadas de trovas descontrola a todos.

Depois vem a celebração das conquistas: a terra, a diversificação da produção, adubação verde, cooperação agrícola, associações de produção e comercialização e sindicalização. Os primeiros frutos da terra conquistada são ofertados sobre o altar coberto de lona preta dos barracos dos acampamentos. Juntam-se também as colheitas das sementes distribuídas na romaria anterior.

Aqui está uma prova de que o povo não se dobra diante das leis injustas e vai conquistando seus direitos. Pelas propostas do governo é quase impossível sair reforma agrária. Os assentamentos até agora realizados são fruto da pressão do próprio povo e não da eficácia do Mirad. E a UDR está fadada a desaparecer, porque é contra o povo brasileiro”, declarou Dom José Gomes, sob aplausos, durante o sermão.

Discretamente infiltrado entre

os romeiros, cumprimentando uns e outros, “como militante da reforma agrária”, até o delegado do Mirad/SC, Jacó Anderle, interpretou a manifestação como “mostra da insatisfação dos agricultores frente ao projeto de reforma agrária do governo; um ato de repúdio aos constituintes que optaram pelo latifúndio, que é a base de sustentação do poder político oligárquico rural”.

O coordenador estadual da Comissão Pastoral da Terra, Carlos Bellé, impressionado com a maciça presença de agricultores, principalmente do oeste catarinense, onde ocorrem mais conflitos de terra, avalia que “esta foi a maior romaria já realizada no Brasil”. Bellé já começa a pensar na quarta romaria, que, provavelmente, será em Lages.

Já o teólogo colombiano Alfredo Ferro, que percorre o País desde março deste ano para um acompanhamento e estudo teológico das romarias, diz que esse é um fenômeno singular do Brasil. “Mostra que a Igreja, aqui, tem um trabalho de base como nenhum partido político.

As romarias das terras (são 40 por ano no País) se distinguem das romarias tradicionais a lugares sagrados por todo um trabalho de preparação, de conscientização prévia da maioria dos participantes”.

A Romaria de Ponte Serrada terminou com o plantio da cruz de cedro e a bênção e distribuição de 500 Kg de sementes de arroz, milho e feijão. É o aviso dos sem-terra de que, com a derrota da reforma agrária na Constituinte, os acampamentos vão continuar se multiplicando nas propriedades dos “tubarões das terras sem-fim”, como diz “seu” Marcolino, um pequeno agricultor de Concórdia.

Razões para invadir não faltam. Os 20 maiores proprietários do País controlam 20.219.412 ha, 5% das terras brasileiras, igual à mesma quantidade que possuem cerca de 3,3 milhões de agricultores. As multinacionais possuem 36 milhões de ha., 9,7% do País, o dobro das terras dos camponeses. O maior latifúndio do País tem 2,5 milhões de ha. E falta terra?

Geraldo Hoffmann

A produção pode ser coletiva

Um pouco além do trevo de Irani, à direita de quem vai para o extremo Oeste catarinense, pela BR 282, está um dos primeiros assentamentos instalados pelo Mirad, em Santa Catarina. São 596 hectares trabalhados por 32 famílias, que plantam há dois anos e colhem há um, já que a terra tem problemas de fertilidade. Elas têm que vencer mais esta barreira, para não serem despejadas com a alegação de que não tem vontade de trabalhar, mas eles não perderam a esperança de melhorar sua condição de vida, nem abandonaram a luta de que foram pioneiros em Santa Catarina.

O assentamento 25 de Maio - uma recordação e homenagem à data da primeira ocupação, em 1985 - foi a sede da 3ª Romaria da Terra em Santa Catarina.

Em 1985, Santa Catarina era conhecida como um Estado que não tinha problemas fundiários. Isso foi até o dia 25 de maio, quando três mil pessoas ocuparam uma área em Mondai, no extremo Oeste. Depois de diversos assentamentos provisórios, 32 famílias - cerca de 300 pessoas - acabaram sendo instaladas, ou jogadas, em Ponte Serrada, a oito quilômetros da cidade e a 531 de Florianópolis.

No novo município encontraram uma comunidade fechada, que se esforçava para parecer o contrário. Encontraram uma Igreja bem diferente cujo bispo, Dom Henrique Müller, da diocese de Joaçaba, três anos depois ainda faz questão de lembrar que as famílias vieram de outras dioceses (como se não pudessem mudar de lugar). E encontraram também uma terra improdutiva, abandonada pelos que detinham o papel de posse e que se chamavam de donos. Mas estes só souberam tirar a madeira que existia nela.

Ainda assim talvez tenha sido mais fácil mudar a situação da terra, embora ninguém saiba explicar - ou não lembra - como as famílias sobreviveram no primeiro ano, quando trabalharam a terra e não colheram nada.

Eles sabiam que teriam que adubar e corrigir o solo para não colher nada na primeira safra. Mas a vontade era mais forte (será que a UDR seria tão persistente no trabalho?) e eles continuaram.

Trabalho coletivo

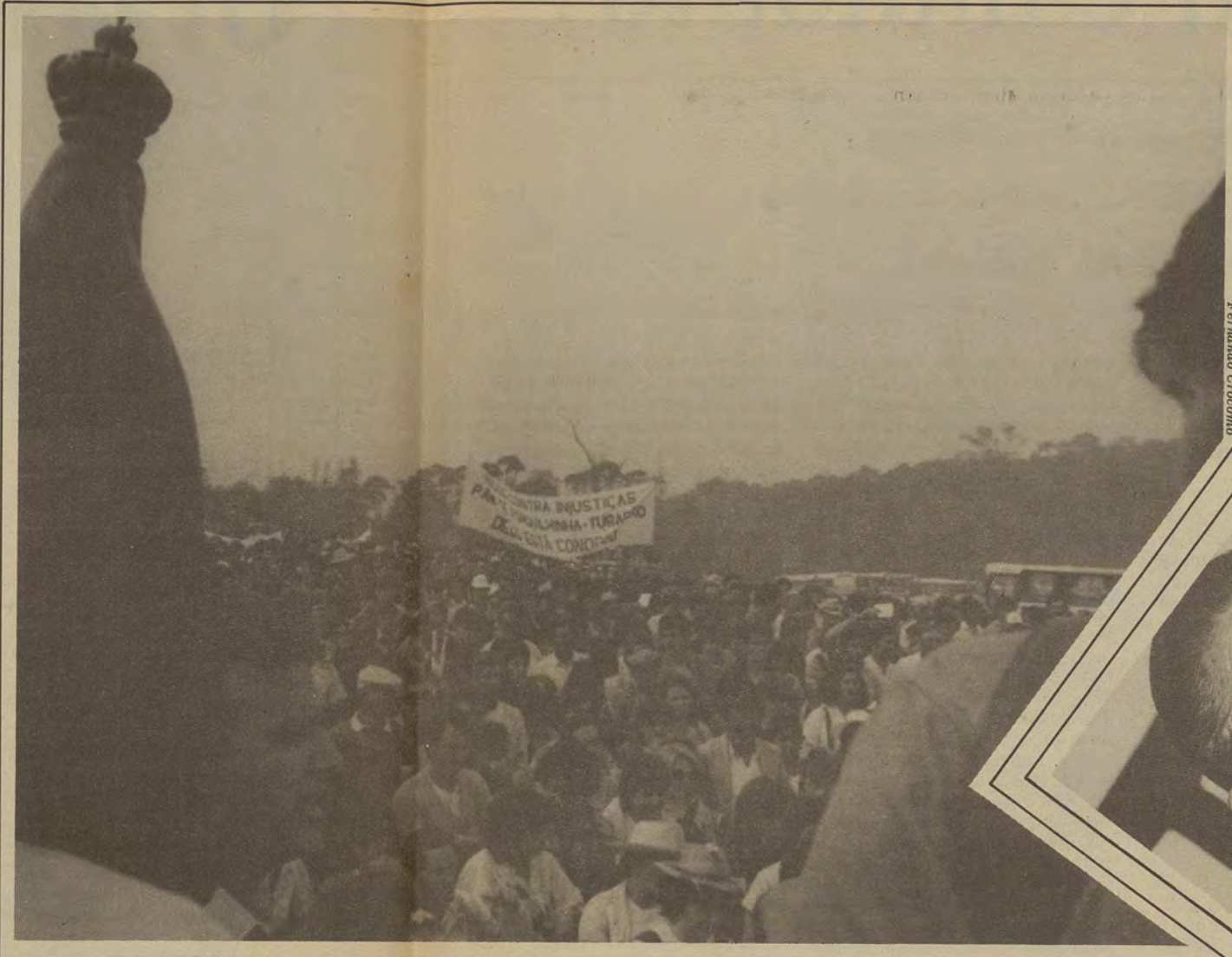
Os trabalhadores tiveram que jogar 30 toneladas de calcário por hectare para garantir, na segunda safra, uma colheita total de 700 sacas de milho, 150 de arroz e 100 de feijão. Mas isso não será suficiente para a sobrevivência das famílias durante o ano, por isso elas deverão continuar dividindo o tempo entre o trabalho em sua terra e na dos outros, onde pagam arrendamentos.

Ao todo são 317 famílias - os casais têm entre 30 e 50 anos - que vivem em um município marcado pelas grandes propriedades. Dos 106 mil e 200 hectares de Ponte Serrada, 52% pertencem a 25 proprietários. Destes, quatro mil somam 28 mil hectares.

Mas os novos donos daquela área - que hoje leva o nome “Assentamento 25 de Maio” - têm mais coisas a ensinar a quem não sabe fazer outra coisa que não seja acumular terra.

O grupo de jovens do assentamento tem uma área onde tentam fazer uma produção coletiva. Eles estão apenas iniciando e por isso têm muito que aprender. Mas sabem que só vão conseguir implantar sua propriedade coletiva depois de muitas tentativas e iniciativas, como aconteceu em 85.

Ivonei Fazzioni



Fernando Crocimo



Fernando Crocimo

“A luta de classes está se aguçando”

O sociólogo e deputado constituinte Florestan Fernandes (PT-SP), que esteve em Florianópolis e Blumenau, no último dia 31 de setembro, não vê solução para a questão agrária dentro da ordem capitalista institucionalizada. As mudanças devem ocorrer fora da ordem. Diz que, por falta de visão histórica, a UDR bloqueou, na Constituinte, o caminho que mais interessava a ela própria, o de resolver o problema fundiário pacificamente. Abaixo, reproduzimos trecho da entrevista coletiva que Florestan Fernandes concedeu no diretório regional do PT, e que não foi publicado pela grande imprensa.

De 1967 para cá, aumentou a penetração do capitalismo no campo. Toda a economia do pós-guerra na América Latina é de incorporação às economias centrais. O Brasil e o México foram os dois países que sofreram uma incorporação mais intensa. Absorveram o modo monopolista de produção capitalista e tiveram alterações maciças no processo de industrialização e de penetração do capitalismo no campo.

O curioso, no caso brasileiro, é que essa penetração do capitalismo no campo se acompanha, não da extinção, mas da recomposição do latifúndio e de todos os dramas anteriores, de expulsão da população do campo para a cidade, o inchaço da cidade como fenômeno permanente.

A ditadura introduziu isso como uma técnica para aliviar tensões sociais no campo, transferindo-as para a cidade, e através de um sistema repressivo modernizado e concentrado, submetendo ao controle pela violência.

As condições para resolver a questão agrária não surgiram. Elas deveriam ter nascido do próprio capitalismo. E o capitalismo não gerou até agora essas condições. De um lado, o proprietário da terra continua sendo latifundiário e não abre mão do latifúndio. Associa o latifúndio a sua segurança, ao seu poder, ao seu prestígio local, regional e nacional. Por outro lado, não há por parte do governo respostas no sentido de criar programas de reforma agrária realmente eficazes. Criou-se uma política de colonização e deslocamento de tensões, de expulsão do trabalhador da terra para a cidade. A questão agrária apresenta nuances distintas em cada região do Brasil, mas apresenta em comum o fato de não se poder arranjar solução dentro da ordem so-

cial existente.

Há dois grandes canais de mobilização: A CPT-Comissão Pastoral da Terra, que representa uma alternativa que procura a solução da questão agrária dentro da ordem. A burguesia, em vez de ficar furiosa com a CPT, deveria reconhecê-la. É claro que existem na CPT correntes mais radicais e que defendem soluções reformistas e até revolucionárias. Mas a política oficial da Igreja é a da Conciliação, do convívio pacífico, da solução pacífica dos problemas. A CPT procura vias compatíveis com a criação de uma sociedade civil civilizada e uma nova evolução histórica.

Mas a burguesia rural e urbana está tão cega diante do problema agrário que, se a propriedade é ameaçada, acha que ela será ameaçada em todos os lugares. E há um outro canal de politização, que vincula a CPT, mas que tem um nexo mais profundo com os partidos políticos - o PT, os PCs. São formas de politização mais radicais, de conteúdo reformista mais profundo, e que colocam alternativas mais amplas, mas que, ao mesmo tempo, não são viáveis nas condições atuais.

Se a Constituição tivesse aprovado a reforma agrária, ela teria dado um impulso às tendências pacíficas de solução do problema (o que não pode, no entanto, ser comparado ao Estatuto da Terra, elemento “pra inglês ver” e que só funcionou no que diz respeito aos programas de colonização). A UDR bloqueou o caminho de maior interesse para ela própria, por falta de visão histórica. A racionalidade do comportamento burguês, no caso, se transformou numa irracionalidade, porque produziu efeitos contrários àqueles que deveriam ser visados.

Na medida em que os oprimidos não vêem condições de alteração dentro da ordem, eles vão procurar condições de alteração fora da ordem. O que significa que o sistema repressivo, por sua vez, tem de se reorganizar e está se reorganizando. O Exército Brasileiro não está importando armas modernizadas de repressão para brincar. Há uma previsão de aumento de luta de classes na cidade e no campo. E há um reaparelhamento dos sistemas de repressão policial-militar para impedir qualquer subversão à ordem.

Geraldo Hoffmann

A geografia é mais importante do que a política?

Enquanto José Gomes, Bispo de Chapecó e ex-presidente nacional da Comissão Pastoral da Terra (CPT) se preocupou em explicar o sentido religioso e político da luta pela terra, seu colega Dom Henrique Müller, da diocese de Joaçaba, que tem jurisdição sobre Ponte Serrada, esforçava-se para lembrar uma questão geográfica: que diocese teria como fideis as 32 famílias que estão morando no assentamento 25 de Maio?

Para ele este problema assumiu proporções até maiores do que a razão principal da romaria. Assim pareceu aos romeiros que escutavam o bispo chamar a atenção para este assunto. Pois, como ele insistiu, “a ocupação da Igreja deve ser com os pecados cometidos pelo rebanho, ou em outras palavras, deslizes espirituais e não “pecados” terrenos, como a briga pela terra.

Dom Henrique fez questão de lembrar que o prefeito Antoninho Rossi, de Ponte Serrada, recebeu muito bem os “irmãos vindos da diocese de Chapecó”, como se não fosse responsávelidade de do poder público resolver os problemas sociais. Além disso, no sermão, que deveria ser um manifesto de acolhida do bispo anfitrião da Romaria, fez questão de ressaltar que ele visitou “todas as 32 famílias”, lá instaladas. “Grande coisa” comentou um romeiro.

Mesmo tendo visitado todas as famílias, Dom Henrique não soube citar metade dos problemas enfrentados pelas famílias, citados por Dom José Gomes, em sua mensagem durante celebração da tarde. É claro que este teve uma acolhida muito melhor que os romeiros. E um dos motivos foi ele ter dado muito mais importância à situação do povo oprimido do que a fútil questão dos limites entre as dioceses. Principalmente numa região que foi ce-

nário da mais sangrenta guerra civil brasileira por causa de uma disputa de fronteiras. Quem não conhece a Guerra do Contestado?

A primeira Romaria da Terra há dois anos, foi em Taquaruçu, local de uma das batalhas do Contestado no município de Fraiburgo (diocese de Joaçaba); a segunda, no ano passado, foi em Papanduva (Diocese de Capadour), numa área de conflito entre agricultores e o exército, e a terceira foi na diocese de Joaçaba. Curiosamente duas foram na Diocese do Bispo tido como o mais conservador do Regional Sul IV da CNBB, o Estado de Santa Catarina, e nenhuma foi realizada na diocese em que mais avançou na defesa dos oprimidos, de Chapecó.

Para se ter uma idéia melhor da diferença entre os dois bispos basta fazer uma análise dos movimentos existentes em cada diocese.

Enquanto a CTP foi criada em Chapecó, em 1977, por Dom José, que chegou a presidir o movimento a nível nacional, bem como o CIMI - Conselho Indigenista Missionário - só dez anos mais tarde Dom Henrique começou a aceitar o movimento em sua diocese. Mas mesmo assim o movimento surgiu pela mobilização dos agricultores que começaram a participar de cursos e discussões em outras dioceses por conta própria.

Esse aspecto e a realização de duas romarias na jurisdição de Dom Henrique representam a confirmação da teoria do bispo de Chapecó, que o povo tem o poder de transformar a sociedade. Pelo menos um bispo está sucumbindo.

Ivonei Fazzioni

Você já tem seu candidato?

**Na reta final para as eleições à Prefeitura,
uma pesquisa realizada na UFSC mostra que a
metade dos eleitores ainda está indecisa.**

Você já tem candidato a prefeito de Florianópolis? Quem? Caso não tenha conseguido responder a esta pergunta, não se desespere. Indecisos como você estão 49,4% da Universidade Federal de Santa Catarina. Foi o que mostrou uma pesquisa pré-eleitoral realizada pelos estudantes da segunda fase de jornalismo, nos dias 24 e 31 de agosto, quando faltavam pouco mais de dois meses para as eleições. Dos 603 questionários respondidos, Esperidião Amin, da coligação PDS/PFL - a União por Florianópolis - aparece em primeiro, com 120 votos (20,9%), o segundo mais votado é Sérgio Grando, da Frente Popular, formada pelo PCB, PSDB, PDT, PSB e PV. Grando leva 105 votos (17,4%). O candidato do PT, Flávio Valente, aparece em terceiro com 50 votos (8,3%). Anita Pires, do mesmo partido do prefeito Edison Andrino, o PMDB, surge em quarto, com 23 votos (3,8%).

Finalizando a lista desponta o

desconhecido Eliseo Pavesi, do PSP, com apenas um voto (0,1%). Os 49,4% de indecisos correspondem a 298 votos. Como a pesquisa apresenta uma margem de 5% de erro, isso significa que a percentagem de cada candidato pode ser acrescida ou diminuída em cinco por cento. Ou seja, se as eleições fossem decididas na UFSC, o destino de um dos dois primeiros candidatos, empatados tecnicamente, estaria nas mãos dos quase 50% de indecisos. Esperidião Amin também está na frente na rejeição dos eleitores: dos 603 entrevistados, 191 (31,6%) jamais votariam nele. Anita Pires foi a segunda candidata mais rejeitada com 148 votos (24,5%). A seguir vêm Eliseo Pavesi, com 10,9%, Flávio Valente, com 6,3% e o menos rejeitado Sérgio Grando, com 4,8%. A pesquisa mostra ainda que 68% dos eleitores votam no candidato. Dos 22,2% que votam pelo partido, 10,2% preferem o PT. Já a União por Florianópolis foi, dentre os partidos/coliga-

ções, a que obteve maior rejeição entre os eleitores: 35,2%. O descrédito na política aparece nos 7,7% dos eleitores que votariam em branco ou anulariam seu voto.

A Pesquisa

A pesquisa realizada na Universidade partiu do princípio de se tomar uma amostra significativa que representasse todo o universo eleitor. Considerando-se uma população de professores e estudantes em torno de quinze mil pessoas, o tamanho mínimo da amostra deveria ser de quatrocentas pessoas. Foram entrevistadas seiscentas e três no total. E a pesquisa foi realizada em toda a UFSC, abrangendo todos os centros, inclusive o de Ciências Agrárias, nos três períodos: matutino, vespertino e noturno.

As entrevistas não eram feitas aleatoriamente. De cada sala visitada retirava-se um número de pessoas proporcional ao tamanho da turma. O método de escolha era o de seguir uma

tabela padrão numerada, onde cada número correspondia à posição dos alunos nas carteiras. Caso a pessoa escolhida não votasse em Florianópolis, tomava-se o próximo número na tabela e assim sucessivamente. Com relação aos professores, todos aqueles que votassem em Florianópolis deveriam ser entrevistados.

Mesmo que alguns deles se recusassem a interromper suas aulas com o tradicional "Espera só uns minutinhos!", ainda assim conseguiu-se entrevistar 108. Entre os alunos foram 495, dos quais três eram de pós-graduação.

Outro aspecto importante da pesquisa foi o de separar os votos definidos dos votos induzidos. Desta forma, perguntava-se inicialmente ao entrevistado se ele já tinha candidato a prefeito. Se ele respondesse que sim e apontasse o seu candidato, este voto era considerado definido. Se respondesse que não, era-lhe mostrado um disco com o nome dos cinco candidatos para que ele

escolhesse um, na hipótese de a eleição ser naquele dia da entrevista. Esses votos foram considerados induzidos. A pesquisa realizada na UFSC apresentou 312 votos definidos (51,7%) contra 291 votos induzidos (48,3%). Para a equipe que realizou a pesquisa, interessavam apenas os votos definidos considerados no total dos entrevistados, pois só assim poder-se-ia ter uma idéia não distorcida da realidade da intenção de voto naquele momento na Universidade.

Com os dados apresentados, a equipe concluiu que nada ainda está definido na UFSC, uma vez que dois candidatos polarizam as preferências e a metade dos eleitores ainda está indecisa. Sendo assim, o jeito é esperar o dia 15 de novembro para conferir. E você? Já tem o seu candidato?

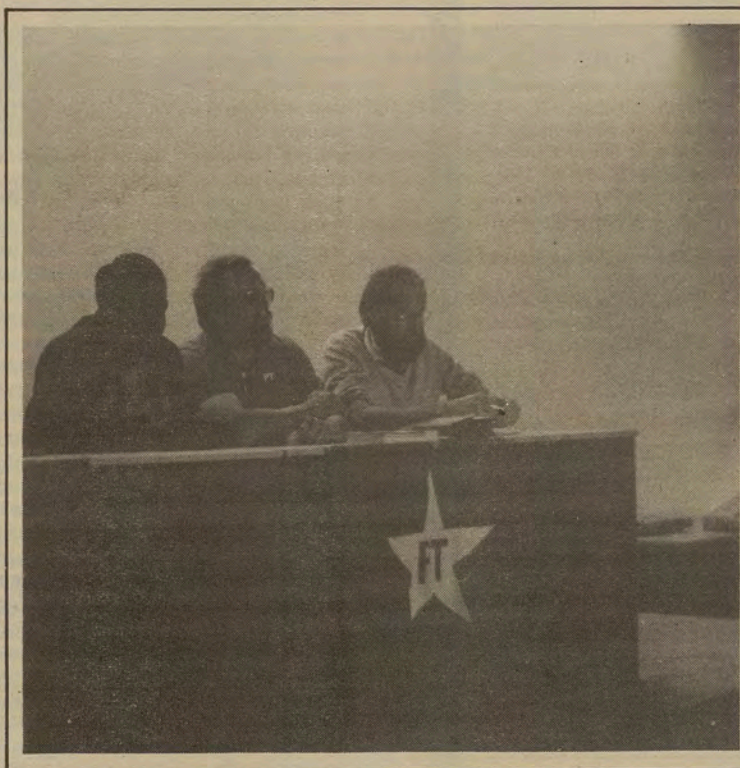
Rogério Silva

Enegrecendo o Brasil

A deputada federal Benedita da Silva (PT-RJ) esteve em Florianópolis no último dia 16 de setembro, sexta-feira, quando palestrou para 200 pessoas que lotavam o auditório do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, numa promoção do Núcleo dos Universitários do PT. Falou sobre negros e mulheres, sobre Assembléia Constituinte, sobre apartheid e revolução. Mais tarde, ela concedeu entrevista coletiva à imprensa, reuniu-se com as lideranças dos movimentos negros de Santa Catarina e com a Associação dos Moradores do Morro do Mocotó, palestrou para cerca de 250 pessoas da comunidade de Mont Serrat e, fechando a programação, participou de um baile no Clube Copa Lorde. A vinda de Benedita à Capital teve por objetivo também manifestar o apoio da deputada à candidatura de Flávio Valente à prefeitura de Florianópolis pelo Partido dos Trabalhadores.

Benedita da Silva, 46 anos, a Bené do Chapéu Mangueira, nasceu e mora ainda hoje na favela, mesmo com o milionário salário de Constituinte. Mulher, negra e pobre, claramente objeto de preconceitos, desde cedo teve de se adaptar às condições de vida. "Na favela, você não é mulher aos 18, nem aos 21.

**Benedita da Silva
deputada e favelada carioca
veio a Florianópolis
dar força ao movimento Negro.**



Você é mulher desde que nasce. "Bené" foi professora da escola comunitária da favela Chapéu Mangueira. "A minha feminilidade se constituía numa violência, pelo menos numa violência salarial". Foi auxiliar de enfermagem, formou-se em Assistência Social e obteve licenciatura em Estudos Sociais. Em 1982, Bené foi eleita vereadora na cidade do Rio de Janeiro.

Eleita deputada em novembro de 86, Benedita acredita que "a Carta foi além das nossas forças. Pra eles, o socialismo chegou! Os constituintes consideram a Carta revolucionária. Mas os direitos do negro e da mulher tiveram avanços na nova Constituição. Apesar disso, não haverá mudança salarial. A primeira revolução se passa no nosso interior. Não haverá libertação do negro ou da mulher sem compromisso." Classificando a mulher como "objeto sexual, produto de exportação, objeto de cama-e-mesa", Benedita da Silva contestou a posição que as próprias mulheres assumem no processo político, dizendo que elas significam mais da metade (54%) dos eleitores. Da mesma forma, criticou os negros, enquanto uma classe que, mesmo sendo objeto de preconceito, é majoritaria-

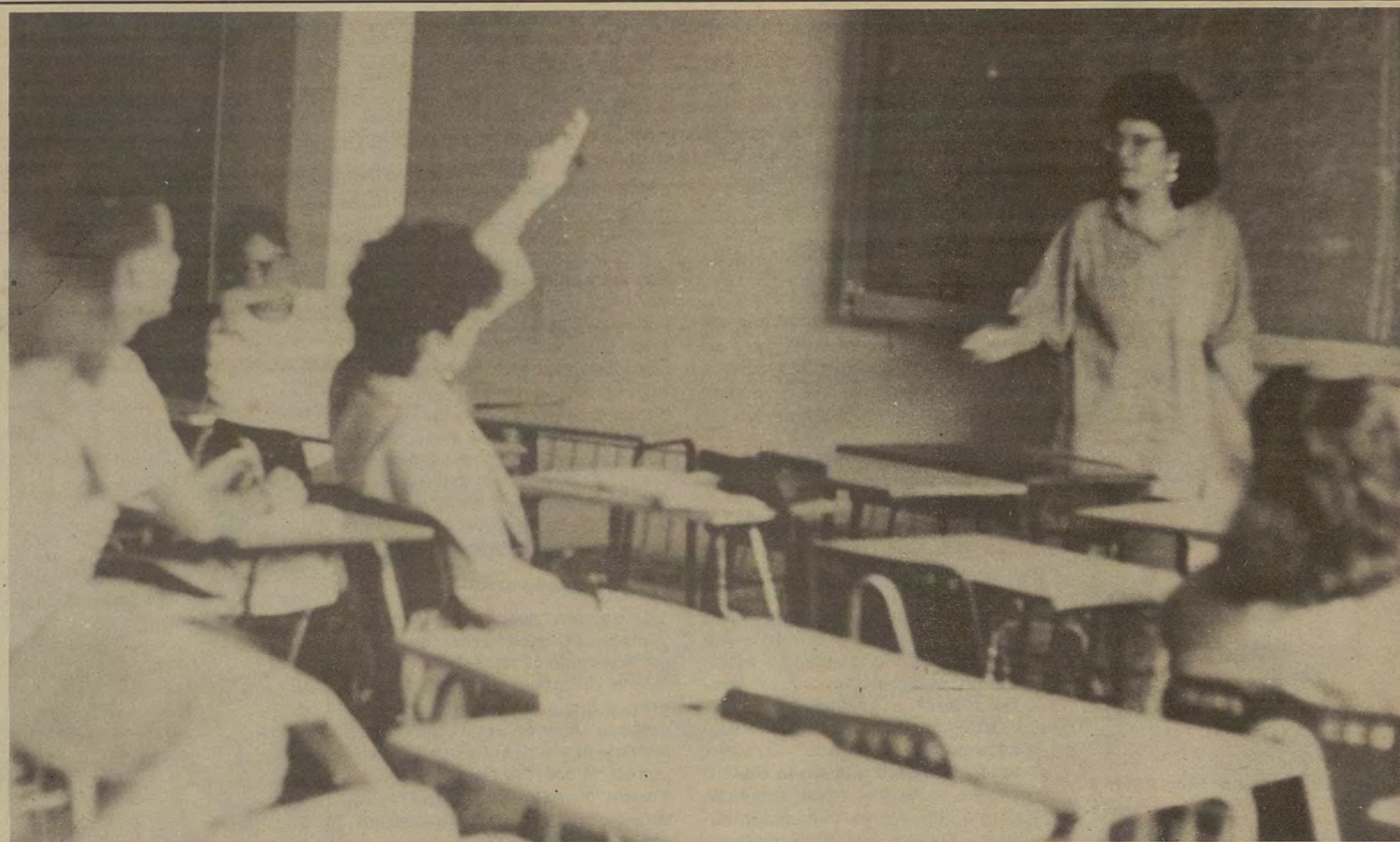
mente "de direita. O machismo e o racismo têm a ver com o poder."

A rejeição da emenda que propôs o corte de relações diplomáticas com o governo racista da África do Sul por apenas 15 votos mereceu considerações da Benedita. "Na Assembléia Nacional Constituinte nós temos 11 negros. Destes, alguns nem sabem que são negros e outros sabem mas acham que não devem tocar no assunto". Antes do final dos trabalhos da Assembléia Constituinte, Benedita da Silva encaminhou um abaixo assinado entre os parlamentares, que seria levado à África do Sul por uma comissão, exigindo a libertação do líder negro Nelson Mandela. "Havia alguns constituintes que nem sabiam quem era o Mandela."

Encerrando a discussão, Benedita se confessou cristã - "e sempre fui uma ecumênica" - mas alertou para o perigo de a Igreja querer "substituir o Estado. A Igreja está comprometida com o poder. Como é que você pode querer vida após a morte se você não tem vida após o nascimento?"

Jacques Mick

Alunos se mandam



Marta Moritz

A evasão escolar nunca foi tão dramática em Santa Catarina como este ano. Apesar da Secretaria de Educação não ter dados estatísticos dos últimos dois anos, a constatação da ALISC (Associação dos Licenciados de Santa Catarina) é confirmada por funcionários e pelos números levantados. Falta de dinheiro, má qualidade do ensino e desestímulo são as causas apontadas. "Só a vontade política é capaz de mudar o panorama de educação no país", acredita a professora Ana Maria Cascaes.

A nível nacional, o segundo grau é o que apresenta o maior índice de desistência. De acordo com os dados do MEC, a evasão da 1º a 3º série ficou em 45%, no período entre 86 a 88, em todo o país. Os dados foram apresentados no seminário "O ensino de 2º grau na lei de diretrizes e bases de educação nacional: algumas reflexões", que teve a palestra da professora Acácia Zungo da UFPr no auditório do CCH na UFSC no dia 28 de setembro. Para Acácia Zungo, são três as causas do fenômeno: descrédito no ensino, momento econômico e desestímulo. O descrédito é devido à perda de qualidade das escolas pelo uso de uma metodologia ultrapassada que não condiz com as necessidades dos alunos. A escola dá uma formação parcial e fragmentada pois não leva o aluno a compreender o processo social na qual está inserido. Em relação às questões econômicas, a professora demonstra, que apesar das escolas secundárias que têm cursos noturnos serem públicas, os custos são significativos para os alunos. Acácia considera o transporte, a alimentação, o vestuário, o material didático, o custo de vida e principalmente a jornada de trabalho, como fatores decisivos no abandono da escola.

Já fatores desestimulantes, na opinião de Acácia, são a reprovação e as baixas notas, pois os alunos vêm despreparados de um primeiro grau fraco. Esse mesmo fator foi constatado por Joaquim dos Santos, diretor geral do Colégio Estadual Maria da Glória Veríssimo de Faria, em Biguaçu, que viu uma acentuada desistência quando foram entregues as cadernetas com as notas do 1º semestre. Até a metade de setembro, nesse colégio, evadiram-se aproximadamente 285 dos 735 alunos matriculados no 2º grau.

Mesmo considerando significativo este índice o diretor constata que há um equilíbrio na média dos últimos anos.

A escola Básica Professor José Brazilício, situada em Biguaçu, teve um índice de 15% de um total de 916 alunos matriculados 140 já desistiram. A diretora Nadir Maria Pereira Siqueira também atribui a evasão às condições econômicas dos alunos. Ela vê na merenda escolar um fator importante que evita a agravamento do problema, já que a maioria dos alunos procura a escola devido à alimentação oferecida.

O colégio Padre Achietta, na Agrônômica, ainda não tem

o levantamento total do número de desistências. O maior índice é constatado nas primeiras séries do 2º grau dos cursos noturnos. Já nos cursos profissionalizantes a taxa é menor.

O Colégio também enfrenta problemas devido a desistência de professores.

Só de professores de matemática foram três mudanças desde o início do ano. Professores de história foram outros três e mecanografia do curso de contabilidade forma mais três. No momento falta um professor de português para substituir uma licença de gestação.

No colégio Simão José Regis, em Florianópolis, a evasão é alta.

De uma turma de 35 alunos do 1º ano do 2º grau, noturno, foi constatado uma desistência de 74%. Só nove alunos assistem aula atualmente. Em outra turma de 35 alunos, só 15 ainda frequentam bancos escolares. O índice de evasão é de 57%. De uma turma de 33 alunos da 2ª série do 2º grau, 11 evadiram.

Segundo informações da professora Ana Maria Cascaes, do curso de Pedagogia da UFSC, no Instituto Estadual de

Educação o abandono aumentou de 36,5% em 87 para aproximadamente em volta de 50% nesse ano, nos cursos de 2º grau noturno. Na turma 125, 1ª série do 2º grau, de 44 alunos que iniciaram, 21 ainda assistem as aulas. Destes, 4 ainda não comparecem desde o final de agosto e possivelmente serão eliminados nas próximas semanas, caso não apareçam. Na turma 124, de 40 alunos da 1ª série do 2º grau que começou com 39, 19 até o momento ficaram.

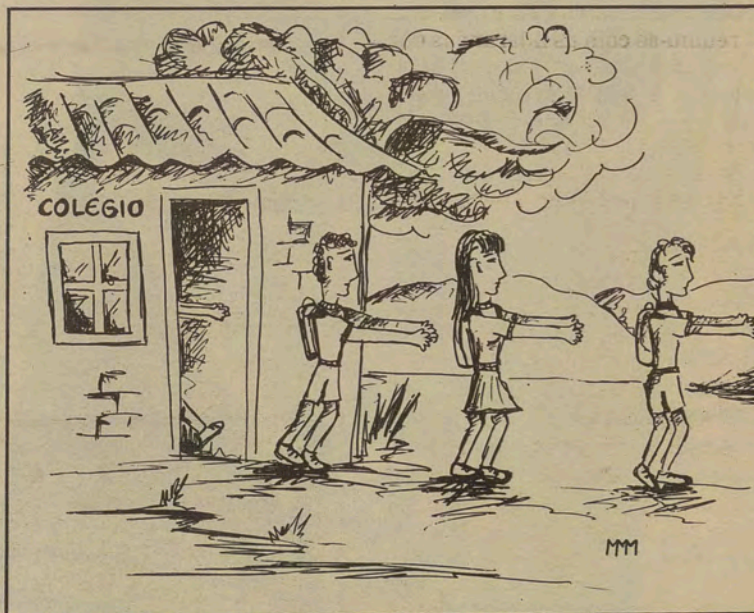
E na turma 216, também da segunda série do segundo grau, de 40 que começaram, 13 já desistiram.

QUESTÃO SALARIAL

A baixa remuneração dos professores é também um dos fatores que prejudica diretamente o ensino. Sem uma política salarial definida pelo governo estadual a ALISC se mobiliza para reivindicar um aumento salarial que recupere as perdas da categoria.

Caso o governo Estadual não atenda estas reivindicações, a associação deve decretar uma greve por tempo indeterminado a partir de outubro.

Ozias Alves Júnior





"A data da morte não tem maior importância que o dia do nascimento. O que importa é o que está no meio. Para alguns isso se chama vida. Para outros, a maioria, se chama passar o tempo".

Viver ou se suicidar. Esse é o dilema do Homem sobre o Parapeito da Ponte, peça apresentada por Carlos Vereza e Clemente Vizcaino no Teatro Álvaro de Carvalho, de 23 a 25 de setembro. O texto é de Guy Foissy e a música de Egberto Gismonti. A peça, ao mesmo tempo em que critica a mediocridade, procura enaltecer a dignidade e sensibilidade humana.

O enredo baseia-se em um suicida que é interrompido por um repórter na hora em que ia se atirar da ponte. O suicida explica: "Já vi tantas coisas na puta da minha vida que não tenho vontade de ver mais nada". O repórter, em busca de uma notícia quente para agradar o patrão, incentiva o suicida, pedindo que se jogue lentamente, para ter tempo de fotografar o salto e gravar o grito. O suicida reclama: "Não se pode nem morrer sossegado". O repórter insiste para que ele se mate e recebe protestos: "Não se acaba com a vida assim, com desenvoltura". O repórter faz chantagem: "Eu vou fazer de você um herói. Eu garanto uma multidão no seu enterro", mas não convence: "Morrer eu quero, mas de ridículo

não".

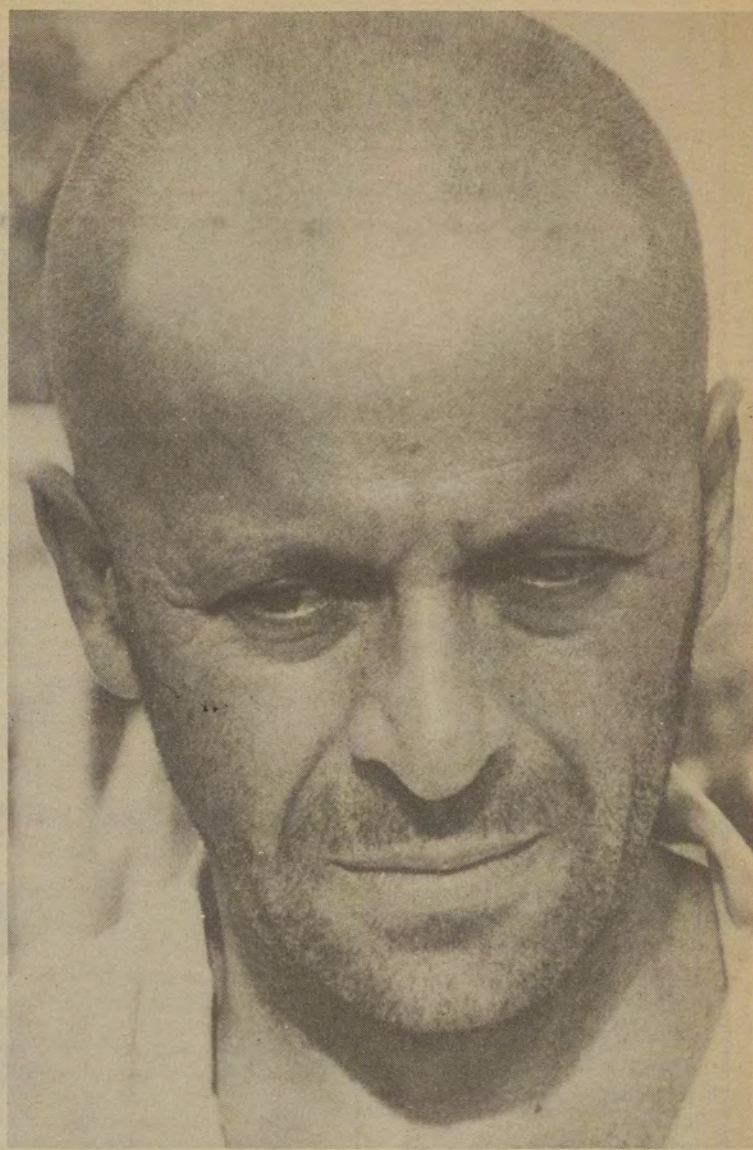
E o drama-comédia se desenvolve sugerindo uma reflexão: "É necessário viver? Quando eu comecei a me fazer essa pergunta é que a coisa começou a se degradar. Foi uma pequena brincadeira que acabou por ocupar todo pensamento".

O repórter insiste: "Vamos, eu não estou lhe pedindo o impossível" e tenta encontrar motivos que poderiam ter levado aquele homem a querer se matar. Enquanto o suicida analisa profundamente sua existência, o repórter não consegue se livrar da mesquinhez de suas idéias e só tira conclusões mediocres: "Já sei, você é desempregado? Foi órfão? Foi abandonado pela mulher? Ou é o sexo? Você tem câncer? Descobri, você pertence a uma seita..."

Ator Versátil

O "suicida" comprovou a versatilidade de Carlos Vereza, que está completando 29 anos de carreira. Outras atuações do ator foram protagonizando Graciliano Ramos em "Memórias do Cárcere" e fazendo dupla com Dercy Gonçalves em "Cocô, My Darling". Para Vereza "cada personagem é como se fosse um filho", e o suicida é um dos que ele mais gosta.

O Homem sobre o Parapeito da Ponte foi dirigido, traduzido e iluminado por Vereza, que acha a peça muito instigante: "Ela fala



Carlos Vereza em "Memórias do Cárcere"

Paulada nos Fuçadores do Trivial



do suicídio mas tem um discurso a favor da vida. A questão filosófica mais séria do ser humano é o suicídio. O cara que não se questiona uma vez na vida, de onde veio, para onde vai, é um imbecil, um vegetal. Há pessoas que aparentemente estão vivas mas já morreram".

Como sempre, após o espetáculo, os dois atores fizeram um debate com a platéia, na tentativa de que o público não aceite a peça de maneira passiva. Vereza acredita que as pessoas não estão querendo discutir e se suicidam na frente de uma televisão. No debate alguém disse que Vereza estava defendendo o suicídio, mas ele explicou que o ator deve ser cúmplice de seu personagem, seja ele qual for. "Tenho o maior respeito pelo suicida. É um cara que, pelo menos, se não dirigiu sua entrada, dirige sua saída". E ainda questionou: "Tem um suicídio que é pular de uma ponte, e tem o suicídio diário que é você se rebaixar para o patrão em nome da sobrevivência. Quem sabe essa peça não é uma parábola?".

Vereza mostrou-se muito preocupado com a situação do Brasil: "Eu acho que esse país suicidou várias pessoas. Esse país é cruel, a elite mais cruel do mundo. O Rio é uma favela. São Paulo é uma favela, um centro de violência. Esse país perdeu a Reforma Agrária. Nós temos seis estados desenvolvidos e o resto tem uma relação feudal, e o que o povo está fazendo, a meu ver, é provocar um novo golpe militar".

Vereza identifica a peça com o país explicando que "não é só a Europa que tem suicídio. Essa procura de passaporte para sair do Brasil é um sintoma de doença social, é uma parábola, uma metáfora do suicídio. Quer dizer, o cara desistiu da cidadania e muitas vezes da qualificação profissional".

Apesar das preocupações os dois atores não acreditam que a arte possa mudar o Brasil. Clemente acha que "a arte só pode ser revolucionária quando se tem um povo pré-revolução. O artista acompanha a mobilização popular, ele não cria ela." Vereza concorda que os artistas não têm que dar mensagens: "Eu temo pela obra de arte que quer indicar caminhos. Eu tenho é que levantar dúvidas. Estou aqui para confundir. Eu, como artista, tenho é que investigar, modestamente, a alma humana".

Ofendidos

No Rio de Janeiro o Sindicato dos Jornalistas se ofendeu com a peça onde o suicida xinga o repórter de "Fuçador do Trivial", e reclama: "Você escreve escandalosamente, como se tivesse um trombone ao invés de uma caneta". Mas Vereza se defende: "Imagina se eu ia gastar o pouco dinheiro que tenho para atacar uma classe, ainda mais os jornalistas, que são testemunhas da história porque têm câmera e gravador. Eu acho que eles se ofenderam porque a carapuça serviu".

Ana Lavratti

Sombras e poesias
envolvem o público
de Florianópolis

Descontração e versatilidade dos atores foram...

...pontos altos do show

BAGUNÇA CULTURAL

Muita concentração, expressões firmes. Há uma expectativa no ar, em cada gesto daqueles que sabem o que está por vir. Nos camarins, tudo se prepara para ganhar magia, vida. Uma sensação indescritível quando se vê o público chegando, aquele murmúrio que dá agonia. Técnicos arrumando os últimos detalhes de luzes, sons e posições de palco. Bailarinos repassando a coreografia. Em "A Dança dos Signos", apresentado no teatro do CIC nos dias 26 e 27 de setembro, pode-se observar claramente esse ritual que acontece antes de um espetáculo.

Essa peça-show de Oswaldo Montenegro é algo mágico, um misto de som, dança, jogos de luz, teatro e canto com uma hora e meia de duração. Os componentes do elenco, vindos de várias partes do Brasil, não exercem isoladamente papel de bailarinos, atores, músicos ou cantores. No palco, eles são "menestréis", como define Vânia Lacerda, coordenadora da equipe técnica. São doze pessoas que se revezam em quadros e coreografia para cada signo do zodíaco.

O show, iniciado em 82, já esteve em Florianópolis e agora volta numa remontagem estreada em Curitiba com elenco e coreografia novos. A equipe

técnica fixa é formada por três pessoas: um operador de som, um operador de luz e a coordenadora. Para a iluminação, os produtores costumam alu-

gar os serviços de um pessoal em cada cidade. Aqui em Florianópolis foi contratada uma equipe do teatro da OSPA (POA), e o som foi da COTEM-PO.

CRIATIVIDADE

De uma temporada que in-

clui Joinville e Porto Alegre, a equipe achou a receptividade de Florianópolis ótima, sempre com a casa lotada. Principalmente no segundo dia que ultrapassou mil pessoas. Depois da próxima cidade, São Paulo, pretendem seguir pelo Brasil até o final de novembro, incluindo o Nordeste.

Oswaldo Montenegro é a própria alma do show. Foi ele quem dirigiu, roteirizou e coreografou. Apenas o quadro corrido de Cavalos foi tirado de um programa estilo anos 30, de Pierre Catreta. Esse é um dos quadros cômicos que se alternam com as coreografias dos signos.

O uso de sombras traz momentos de grande criatividade - e emoção.

Como em um quadro em que Oswaldo e sua ex-mulher, Madalena Sales, posicionados nas duas laterais do palco, se tocam apenas através das sombras ao fundo.

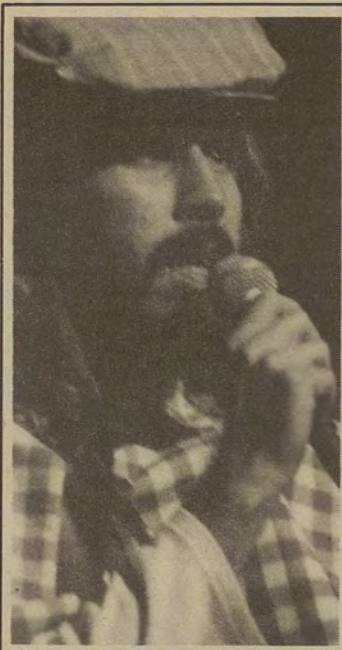
O cotidiano, a realidade do artista brasileiro, também são satirizados em quadros de um humor excelente. Aparece até um teste para a escolha de novos talentos, em que Oswaldo atua como um tiete. E por falar em testes, são através deles que o elenco é renovado. Da última vez em que esteve em Florianópolis, o cantor escolheu Débora Abramo, que passou a fazer parte da companhia. Agora, ela já está em vôos mais altos.

Não havendo um elenco fixo para seus shows, Oswaldo dá oportunidade aos artistas que não pertencem ao eixo Rio-São Paulo. A variedade do show sem dúvida atinge o objetivo de fazer uma bagunça cultural. E chega a pontos cruciais como o momento em que o cantor, grande poeta, recita: "Metade de mim é o que eu grito, a outra metade é o que silêncio".

**Ruchelle F.
Zandavalle**

Quem só conhecia Oswaldo Montenegro como cantor de festivais sabe muito deste versátil artista. Natural do Rio de Janeiro, foi para Brasília ainda adolescente acompanhando seus pais. Lá, começou a se envolver com teatro fazendo trilhas sonora e, seis anos depois, de volta ao Rio, gravou seu primeiro LP em 1979. "Que nem minha avó comprou", ironiza Oswaldo.

Ainda em 1979 ele estréia em festivais na TV Cultura do Rio com a música "Bandalins", em parceria com Carlos Alexandre. Ganha o terceiro lugar e o reconhecimento do público. No ano seguinte, com a música "Agonia", ele fatura o primeiro lugar no MPB 80 promovido pela Rede Globo. Em 1985 participa do MPB Shell com "O Condor", apresentado juntamente com um coral de 50 negros, o que não foi suficiente para a sua classificação. Sobre festivais ele diz que "o importante é



Lucianita Scartasini

mostrar a tua música para o grande público sem passar pelo crivo de quem está entre você e o público. Você acaba mostrando músicas consideradas não comerciais, que se tornam veiculáveis a partir daí."

Oswaldo define o espetáculo como a retomada da magia: "Desde que inven-

taram a luz, inventaram a sombra. Tentei explorar coisas que já existiam de uma maneira nova. Eu quero é bagunça cultural."

Na equipe de Oswaldo Montenegro está também Vanessa, sua atual namorada, e garota-propaganda da Baush & Lomb, "aquela que não nasceu de óculos". Ela participa do grupo desde a encenação do show "Os Menestréis" há dois anos, e "Dança dos Signos" representa a fútil taurina, que não é chata, "é só bem educada".

Ao ser perguntado sobre que a vida tinha lhe ensinado, Oswaldo cita Pablo Picasso quando este fez 80 anos: "Estou muito orgulhoso de saber aos 80 metade das coisas que eu pensava saber aos 20. "Quanto à definição de si próprio, ele é aquilo de que fala o seu poema: "Metade amor, e a outra também."

Renata Rosa

Arte Rupestre passa milênios

Em Florianópolis a arte rupestre está liquidada sem piedade

Um invejável patrimônio cultural está desaparecendo em Florianópolis e suas ilhas próximas. São as inscrições rupestres - desenhos ou pintados em superfícies rochosas, feitas por povos primitivos pouquíssimo pesquisadas até hoje. Estes petroglifos, gravados com pedra em pedra, duríssima, ainda podem ser encontrados em ilhas de difícil acesso, nas praias menos acessíveis e batidas por mar alto. Ou seja, em lugares que incutem medo e respeito.

Conforme Edmar Hoerhan, pesquisador do Centro de Geologia da UFSC, esta arte é um dos indícios que ajudam a caracterizar a época dos diferentes grupos primitivos. Ela representa o cunho religioso, a delimitação do território de caça, a forma de aplacar os maus espíritos, a gratificação da pesca, o pavor da morte e a proteção. Segundo ele, no Piauí, uma arqueóloga brasileira conseguiu definir a idade das gravuras rupestres: elas chegam a 36 mil anos. O fato é contestado pelos norte-americanos porque não encontraram em seu país material com mais de 800 anos.

Baseados na teoria de que o homem veio do Estreito de Bering há 54.000 anos, eles não aceitam a idéia de que no sul do continente tenha arte rupestre com idade superior à encontrada no norte. O único arquivo que cita e cataloga alguns destes sítios arqueológicos em Santa Catarina foi feito pelo padre jesuíta Rohr em 1968. Por ter sido o seu maior interesse o homem do Sambaqui, ele não dedicou-se inteiramente ao estudo das artes, mesmo porque, ele precisaria mais de 100 anos para registrar todas as inscrições.

Foi um grande avanço Rohr ter afirmado a existência do homem do Sambaqui há 7.500 anos. Em virtude da formação católica-cristã predominante, os educandários brasileiros não admitiam a antiguidade do homem americano em território nacional além dos 6.000 anos AC.

Eles baseavam-se na criação do homem segundo a Bíblia.

A arte rupestre parece pertence a um povo paleo-brasílico anterior ao homem do Sambaqui, que possuía uma técnica empregada no lascamento do material bastante diferente e inferior. Os povos primitivos caracterizavam-se por uma técnica resultante de toda uma metodologia de bater, para obter o lascamento da pedra a ser trabalhada.

No caso paleolítico, esse lascamento é longitudinal, corredio ao longo das veias da pedra, oferecendo sempre uma superfície lascada perfeita. No caso do homem do Sambaqui, esse processo de lascamento se dá de modo muito inferior, primitivo. Ou seja, simplesmente pela ação pura do choque, batendo uma pedra contra outra.



Máscara na praia do Santinho marcada por tentativa de arrancá-la



A pedra da Joaquina



Inscrição da Praia Mole com aquarela



Inscrição na Praia do Santinho



Existem sítios arqueológicos de Sambaqui que estão próximos de áreas que apresentam arte rupestre. Porém, existe um grande número de Sambaquis - a maior parte - que não está relacionado com este tipo de arte.

Arte Rupestre encontra-se nos costões que percorriam as azinhagas - caminhos marcados até hoje - que saíam para fora das aldeias.

A importância destes sítios arqueológicos está além de ser um simples vestígio de arte primitiva pré-cabralina no nosso território.

Eles também evidenciam o grau de desenvolvimento cultural destes povos bem como servem de indicativo para localizar a tendência migratória no continente nacional.

Além desta arte estilizada, também existem registros de pés gravados na pedra. O primeiro encontrado foi onde era a rua Brusque, na Baía Norte. Dava para um antigo forte, o de São Luiz, que foi destruído. A forma como estes pés foram gravados é desconhecida. Eles geralmente se encontravam nas azinhagas entre precipícios, indicando caminhos.

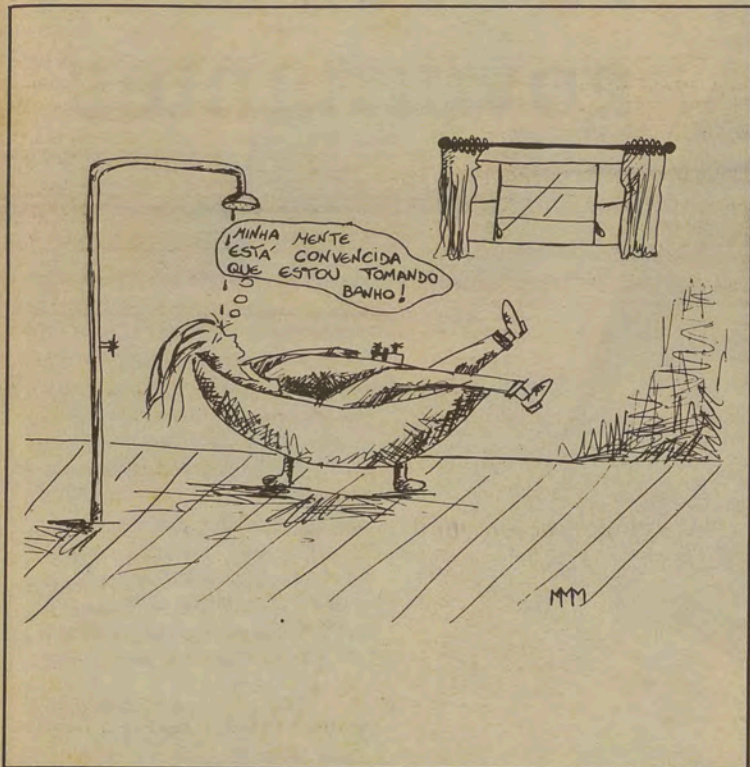
Uma das características que mais contribuíram para a destruição sistemática da arte rupestre no sul do país está relacionada com a falta de escrúpulos e a ignorância. Acreditava-se que ela indicaria locais de tesouros, embora estes povos nunca tivessem dado valor a metais preciosos.

A Joaquina é um exemplo espantoso de como a arte rupestre existente no costão foi destruída. O único vestígio ainda encontrado é o de uma pedra com marcas de fogueiras recentes. No costão da praia havia riquíssimo acervo de oficinas líticas locais, em que os primitivos afiavam, poliam e davam acabamento a seus utensílios do uso cotidiano.

Esses vestígios foram desaparecendo com a erosão acelerada pelo constante pisotear dos turistas e pela ação da construção civil. Onde hoje atualmente está o Hotel Cris, existia um enorme sambaqui de vários metros de altura. Suas conchas e esqueletos humanos e animais, foram transformados em cal há mais de 200 anos, para construir as fortalezas das cidades de Rio Grande e Sacramento (Uruguai). O patamar do Sambaqui é ocupado hoje pelo hotel, estendendo-se por baixo até o estacionamento. Na praia do Santinho tentaram retirar uma máscara que acabou quebrando. Na praia Mole o desrespeito com a arte rupestre se deu através de mão anônima que cobriu a obra milenar com tinta de aquarela.

Karina Van Hoff Mendes

Floripa vai tomar veneno do Cubatão



Florianópolis precisa de alterações urgentes no abastecimento de água. Isto ficou absolutamente claro com o último racionamento, devido à seca de meses que acabamos de sofrer. No entanto, as prováveis soluções só estão gerando maior polêmica. De um lado está a CASAN com três projetos: um de perfuração de poços para abastecer o norte da ilha; outro, para o sul, que aproveitaria a Lagoa do Peri; e um terceiro, para o Centro e Continente, usando o rio Cubatão. Do outro lado se encontra o Movimento Ecológico Livre (MEL), tendo como principal preocupação denunciar as consequências do terceiro projeto (do rio Cubatão), já que a água do Cubatão contém muitos poluentes, incluindo o cancerígeno mercúrio.

"O governo Pedro Ivo assumiu os erros do governo Amin, no projeto do rio Cubatão. Isso é um contra-senso total. Os germinhos que se reproduzem em um rio passam para o outro". Esta é a opinião de Sérgio Boeira, ecologista do MEL, a respeito da mistura das águas do Cubatão onde são jogados agrotóxicos e o lixo hospitalar de Santo Amaro da Imperatriz - com o manancial de Pilões, que abastece a Grande Florianópolis e é bem menos poluído. As consequências deste fato seriam apenas sócio-ambientais - como doenças desencadeadas na população como também econômicas, como o aumento dos gastos com despoluição e energia elétrica - escassa no Estado - para bombear a água até ao centro da capital.

No entanto, a CASAN considera que, ao juntar os dois rios o problema da poluição será amenizado...no rio Cubatão, é claro. Este projeto só seria viável se o rio passasse por um processo de limpeza e, no Santo Amaro, contar com uma rede de esgotos. O engenheiro Antônio Edésio Jungles, da CASAN, garante que já existe um projeto referente à construção de uma rede de esgotos para a cidade.

Outra questão discutível é a da barragem na Lagoa do Peri - parte principal do projeto Costa Leste-

Sul. As obras, que estavam em andamento foram paralisadas por vários motivos: troca de governo (foram iniciadas na gestão Amin), falta de recursos e principalmente, pressão do MEL e comunidade. Técnicos em Engenharia Sanitária consideram que o tempo necessário para aumentar em um metro o nível da Lagoa, seria de três anos. Desse modo as espécies vegetais e os peixes não sofreriam prejuízo. A Casan porém, pretendia fazer isto em três meses apenas. Outro agravante do Costa Leste-Sul seria o acúmulo de sulfato de alumínio, usado na filtração da água, que voltaria à lagoa pelo lençol freático.

O argumento do MEL é rebatido por Edésio Jungles ao afirmar que a água de lavagem (água acumulada de poluentes que fica no filtro) será jogada novamente no filtro sem o prejuízo da lagoa. "A quantidade de poluente jogada será mínima. É como veneno, se você tomar em grande quantidade, morre; se tomar um pouquinho não acontece nada".

Como alternativas, o MEL aponta o melhor aproveitamento de Pilões, através da construção de uma barragem: Atualmente são utilizados apenas 30% de seu potencial. Além disto, a Lagoa do Peri poderia ser utilizada, com a condição de que fosse dado um tempo mínimo de um ano e meio para o seu renivelamento, o que poderia ser feito em conjunto com a construção de poços artesianos, semelhantes aos que a Casan está perfurando para suprir o sul da ilha.

Os poços são uma boa alternativa, pois não prejudicam o meio ambiente. Contudo, a Companhia de Águas e Saneamento os considera - assim como uma barragem em Pilões - uma solução parcial.

Enquanto nada se resolve, apesar das denúncias, o "Sistema de Abastecimento das Cidades circunvizinhas", nome oficial do projeto do rio Cubatão, vai chegando à sua fase final.

Deise Freitas



Em plena aula

Capoeira ensina a repensar a vida

Cerca de 60 crianças dos bairros próximos à Universidade Federal de Santa Catarina aprendem a lutar capoeira todas as terças, quintas e sextas-feiras, coordenadas por Carlos Alberto Dal Molin Silva, o "Alemano", 23 anos, estudante de Educação Física. São, em sua maioria, pobres, negros, mal vestidos, em suma, "discriminados pelo estereótipo de marginal que a sociedade tem", diz o Alemão. Faz um ano que o grupo "Palmares Sul" significa, para a "molecada", além do esporte, o resgate da História da cultura negra desde a vinda da África até o Quilombo dos Palmares e a Lei Áurea.

Os berimbaus, os atabaques e os pandeiros fascinam o Adriano, o Paulo e o Luciano, garotos de 10 ou 11 anos, moradores do Pantanal ou do Córrego Grande. Eles não pagam a mensalidade optativa (500 cruzados) suas fa-

mílias não têm dinheiro. Com eles, há quatro meninos que ganham a vida lixando automóveis, e a capoeira serve como o bode expiatório das tensões do dia-a-dia.

"Eles reproduzem o que foi posto na cabeça deles, o que vem dos meios de comunicação", fala o Alemão. Contra isso, ele tenta levar um trabalho de reeducação, situando a capoeira dentro do contexto histórico em que ela surgiu, relacionando-a com o presente. A opressão e o preconceito que se estabelecem contra o negro são observados com a crítica dos próprios alunos. "A capoeira não tem preconceito", disse o Adriano.

No final do ano passado, o "Palmares Sul" promoveu o "I Batismo de Capoeira", quando a primeira turma do grupo recebeu premiação.

Estavam presentes mestres da Bahia, que participaram da gravação do vídeo "Capoeira Palmares Sul", lançado no início do mês passado. O vídeo, produzido em VHS, reúne depoimentos de mestres de capoeira de todo o Brasil, demonstrações e os principais momentos do "I Batismo". O "II Batismo de Capoeira" está sendo organizado para o final de novembro, com programação de filmes e palestras sobre o tema.

Para o ano que vem, o Alemão pretende ampliar os espaços para a prática da capoeira, garantindo a outros bairros e a outras crianças o acesso à proposta. "A capoeira já tem uma fama de marginal. E eu me identifico pra caramba com a molecagem", falou o alemão.

Jacques Mick

Construir presídios não reelege os governantes

Qual é a saída?

É proibido falar!

ção. Os cubículos haviam sido restaurados e a tinta das portas ainda estava fresca.

Os jornalistas foram ao presídio a convite do atual secretário, João Henrique Blasi, que afirmou estar tentando fazer uma "administra-

ção transparente", já que a Operação Desmonte elaborada pelo governo para conter os gastos poderá influenciar negativamente nos projetos. A administração transparente de Blasi tornou-se um pouco obscura na medida em que a imprensa entrou no presídio. O medo que os detentos tinham de falar e os cães farejadores que rondavam o local fizeram com que a visita trouxesse uma série de dúvidas sobre a verdadeira definição de transparência.

"A parte mais preocupante e que exige maior trabalho da secretaria de justiça é a administração da penitenciária". Esta afirmação é do próprio secretário de justiça que admitiu a falta de investimento do governo nesta área. Blasi afirmou que a penitenciária foi construída na década de 30 e que não tem mais condições de continuar instalada no bairro da Trindade. Para tanto, a secretaria tem um projeto que consiste na construção de um complexo penitenciário num terreno de 1 milhão de metros quadrados situado na Palhoça. O terreno já foi desapropriado e vai abrigar o manicômio judiciário, o hospital psiquiátrico, um centro de triagem e uma escola. Além da grande Florianópolis, serão construídas penitenciárias em Canoinhas, Curitiba e Chapecó. Nesta última cidade haverá um presídio feminino para alojar as mulheres espalhadas em cadeias públicas de todo o Estado.

Marcia Carvalho

No último dia 29 a penitenciária Estadual de Florianópolis decidiu abrir suas portas à imprensa. Para os jornalistas foi uma visita irreal. Não houve revolta nem

denúncia, os apenas elogiaram os funcionários do presídio e alguns até pediram para nunca mais sair. A sociedade está caminhando para o desenvolvimento? Conseguiu resolver um dos maiores problemas do Estado?

Talvez, se os guardas não tivessem interferido nas entrevistas com os presos, se os sentenciados não fossem impedidos de falar e se as celas não tivessem sofrido uma limpeza pouco antes da chegada da imprensa.

Na casa do albergado, onde os detentos vivem em regime semi-aberto, não havia ninguém. Os quartos estavam limpos e bem arrumados. No manicômio judiciário os detentos amontoavam-se no pátio e só puderam ser vistos através de grades. Nas galerias do complexo a situação não era diferente. A maioria das celas continuava vazia e alguns presos podiam ser encontrados no pátio e nas oficinas. Os funcionários se misturavam aos visitantes e os entrevistados eram vigiados. Um dos agentes anotava o nome dos "delatores" e outro, que não quis se identificar, afirmou que os presos que fizessem alguma denúncia seriam castigados. Aliás, a cela do castigo nos chamou muita aten-

Quem me explica esse sistema?



E quando eu sair?

